



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E  
PATRIMÔNIO CULTURAL



BRISA SANTANA PIRES

**Memória e Práticas religiosas como elemento patrimonial do povo Pataxó  
Hãhãhã, Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu, Sul da Bahia**

CACHOEIRA -BAHIA  
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB)  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS (CAHL)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO  
CULTURAL (PPGAP)

**BRISA SANTANA PIRES**

**Memória e Práticas religiosas como elemento patrimonial do povo Pataxó  
Hãhãhã, Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu, Sul da Bahia**

Texto de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, obrigatório para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural. Concentração: Patrimônio Cultural Linha: Patrimônio cultural e identidades Orientadora: Jurema Machado de Andrade Souza

CACHOEIRA – BAHIA  
2023

---

Pires, Brisa Santana.

Memória e Práticas religiosas como elemento patrimonial do povo Pataxó Hãhãhã, Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu, Sul da Bahia. / Brisa Santana Pires. Cachoeira, BA, 2023.  
93f.; il.

Orientadora: Profa. Dra. Jurema Machado de Andrade Souza

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, 2023.

1. Antropologia. 2. Patrimônio Cultural. 3. Pataxó Hãhãhã. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.


---

**Brisa Santana Pires**

**Memória e Práticas religiosas como elemento patrimonial do povo Pataxó  
Hãhãhã, Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu, Sul da Bahia**


Dissertação submetida á avaliação para obtenção de grau de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira, 17 de novembro de 2023

Documento assinado digitalmente  
 **JUREMA MACHADO DE ANDRADE SOUZA**  
Data: 14/03/2024 21:41:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof.<sup>a</sup> D.<sup>ra</sup> Jurema Machado de Andrade Souza (Orientadora)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Documento assinado digitalmente  
 **SUZANE TAVARES DE PINHO PEPE**  
Data: 14/03/2024 20:42:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> D.<sup>ra</sup> Suzane Tavares de Pinho Pêpe (membro interno)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Documento assinado digitalmente  
 **FELIPE SOTTO MAIOR CRUZ**  
Data: 14/03/2024 21:29:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. D.<sup>r</sup> Felipe Sotto Maior Cruz (Felipe Tuxá) (membro externo)  
Universidade Federal da Bahia

## Agradecimentos

Como na maioria dos casos, esse clichê, real.

Primeiramente, agradeço a Deus, nosso Pai Tupã, a todos os encantados, Santos, Espíritos de Luz, Anjos da Guarda, Orixás e todos os guardiões da vida, quaisquer que sejam seus nomes. Eu sei que nunca estive sozinha, e tive algo que me manteve de pé, protegendo-me, guiando meus passos e curando meu coração durante todo esse período pandêmico.

Agradeço à minha família, sempre na condição de meu alicerce. Devo mencionar, com destaque, minha mãe. Ao seu modo, nunca deixou a mim ou a meus irmãos desamparados, além de fazer com que a fé estivesse presente em nossas vidas. Além dela, minha mãe, devo também agradecer ao meu pai, Alvimar, que sempre, sempre, sempre nos deu ensinamentos acerca da importância da mãe natureza. Esta, em suas palavras, nos protege e nos alimenta. Minhas melhores lembranças estão diretamente apoiadas nas imagens do pôr do Sol. Meus irmãos Cândida, João Pedro, Lívia Vitória, Silvestre e Icaro, que sempre me ampararam. Eles constituem o meu porto seguro, e tento ser o mesmo para cada um deles. Denis e Darla também estão aqui nestes agradecimentos. Mais do que “cunhados”, fazem agora parte da família. Chegaram somando de forma significativa, e me fazem feliz a cada dia com suas existências.

Ao Cacique Gerson (*in memoriam*) e a Dona Celma (*in memoriam*), quero agradecer por todos os momentos de aprendizado e acolhimento. Gerson foi um querido amigo que me ajudou com muitas indicações para as feituças do meu TCC e dissertação. Com ele tenho muitas memórias afetivas. Foi ele quem abriu as portas da aldeia e meus olhos sobre o que realmente importa nessa vida. Sempre foi um ser humano honrado, grande líder e referência para o povo pataxó hãhãhã. Por muitas vezes sonho com ele me ensinando, falando sobre a luta do seu povo. Sinto muito sua falta, mas sei que ninguém morre enquanto estiver presente nos corações e mentes das pessoas. Comigo estará sempre presente, sendo lembrado.

Estes agradecimentos se estendem aos seus filhos, Binho, Jessica e Kinho. Após o encantamento dos seus pais, estiveram comigo nos momentos mais difíceis. Sandra, Seu Ló, Dona Inês, Dona Judite, seu Zé Grande (*in memoriam*), dentre outros, constituem partes de espaços em que sempre fui bem acolhida. Dona Maura e sua família, Fabinho, Fabricio, Bruna, Rosineide, Paulo, seu Davi e todos da família Titiáh também são partes destes agradecimentos. Dona Maria Muniz; seu Aniraldo; Dona Emilia; Bastiana; Ninho;

Edilson; Cacique Nailton; Dona Mocinha; Pitucha; Wilk; Nega; Luzinete; Jaciara; Piu; Williams; Bida; Marcos Gordo; Seu Caçula; Dona Maria Creuza; Raiele; Laiely; Bao; Célia; Gildinai; Daniela; Lucimara; Cacica Ilsa; Mazão; Cacica Zenólia; Yasmine; Trajano; Diarrane; Fabinho Trajano; Janaina; Fumaça; Cailane; Clarisse; Ana Clara; Alysson; Cacique Bida; Chal; Lúcio; Cacique Lucas; Psiquila; Lena; Professora Dene; Baixinho; Hamangaí (querida amiga que me apresentou a um novo mundo, e ao seu tio, Cacique Gerson), Katyri; Douglas; Gildomar; Welligton; Cacique Ramon; Cacique Suruí; Maelda e todas as outras pessoas que estiveram presentes nessa trajetória. Todas estas pessoas muito me ensinaram quando da minha estada em terras Pataxós Hãhãhã.

A todos os meus queridos amigos e familiares que me acolheram no regresso a minha cidade, após dezessete anos distante. Em certa medida, a distância nunca se constituiu em ausência. Miguel Arcanjo, Selminha, Nora Ney, Nayala, Ivalcy, Luana, Paulinho, Paulo Miguel, meu amigo Jonatan e os companheiros da carpintaria (local em que fazia uso de boas e velhas cervejas sob a forma de *litrão*, no sábado de manhã depois da feira). Meu tio Santinho, Zeza, Josinete e Gabriel (garantidores dos meus almoços aos sábados). Meu tio Laerte e Vanderleia (garantidores dos meus almoços do domingo), tia Regina (a minha companhia dos dias de domingo), meu primo Rafa, meu Tio Avô Domingos (que me apresentou a minha árvore genealógica materna) e todos os meus primos. Minha Prima Lúcia, Larissa, Leilson, Layon, Mara e Caio. Meu Tio Jacquisson, Polliana e meus primos (saudades). Dona Kinha; Lika; Edvan Andréa; Yasmim e Elisson (Saudade da sua comidinha Andréa). Meu amigo Jodil; Danilo; Barbara; Davisão (Davi); Vini Quinto; Vini Cuspe; Marquinho Marçal; Bruno Maia; Antônio Maia, Sayonara, Fernando Vargens, Marcão, Corão (*in memoriam*), Pimentel (*in memoriam*); Alisson da Roça (*in memoriam*); Isaias Pataxó (*in memoriam*); Dona Lisinha (*in Memoriam*); Priscila Muniz Pataxó (*in memoriam*); Thonzinho; Italo; Marília e sua família, Marcela Cardoso, minha amiga e irmã (entre tapas e beijos). Ivaldo Marciano, meu querido amigo. Um dos responsáveis por eu ter acreditado que poderia fazer um mestrado e meu principal incentivador (com certeza eu não teria feito antes da chegada dele).

Neste período de dois anos que pude ficar em Camacã, minha terra, vivi incríveis emoções. Muitos banhos de barragem, dias de frio além da conta e um misto de emoções e dificuldades, além de um reencontro com as minhas próprias memórias, algumas das quais bem dolorosas. Tenho a certeza que se não tivesse o acompanhamento de Flavia Dias (minha psicóloga), além do apoio de todos os meus amigos e familiares, talvez o desfecho deste capítulo da minha vida teria sido diferente.

Agradeço às minhas princesas e “príncipes” pelo apoio emocional: Jaqueline Albano, Maiza Sampaio, Gilce Sampaio, Sidilei, Taiane, Gabriel e Paulo Ricardo, todos sabedores da expressão “do CAHL para a vida”. E por me referir a esta expressão, recordo também da querida professora e ex-orientadora, Sabrina Damasceno (*in memoriam*), uma das minhas maiores incentivadoras e alicerce em minha vida. Alguém muito humano e com grande coração. Sua condição de extrema empatia oportunizava encontros com muitas pessoas. Além disso, ela amava muito a sua família e o seu trabalho. Não consigo pensar no Museu Nacional (UFRJ) sem tê-la como referência. Minha companheira das madrugadas, que amava um biscoito de goiabada. Ainda hoje dói bastante sua ausência. Querer falar com ela e não poder é algo muito duro. Sinto bastante sua partida tão prematura.

Este momento de pandemia foi vivido como uma espécie de “chave virada em minha vida”. Foram várias fases, muitas perdas e memórias sendo refeitas. Muitos amigos não sobreviveram a esse momento: houve os que morreram, efetivamente, e também afetivamente. Hoje vivo uma nova jornada, com muitos obstáculos e dificuldades, tendo o apoio de Cândida, minha irmã, e seu esposo, Denis. Através deles ganhei um sobrinho, Benício, que me fez repensar minha vida. Hoje estou vivendo em uma nova cidade, mas agradeço muito aos amigos que a vida me presenteou, a exemplo de Madson Luiz, Dayanes, Femi, Junior, Erivânia, João Pedro, Isa, Jamelo, Henrique e Dona Vera, Biel (Gabriel). Todas estas pessoas são importantes nesta nova caminhada.

Agradeço aos novos companheiros de trabalho, que contribuem todos os dias na transformação de vidas (a minha, por exemplo): Paulyran, Victor e Dionísio, pela leveza e oportunidades diversas. Estes agradecimentos se estendem às colegas Ingrid; Joyce; Tauã; Iury; Jesus; Santos; Amanda; Christian; Damaris e todas as meninas que contribuem para que nossa jornada de trabalho seja mais leve e risonha.

Também agradeço ao meu companheiro, amigo e namorado Marcone Rodrigo, meu vaqueiro do asfalto. E com muito carinho e gratidão, agradeço a vida do meu amigo e anjo da guarda, Agenor Afonso, que vem tendo muita paciência comigo ao longo de mais de dez anos, sendo meu alicerce de todos os dias. Agradeço aos amigos e companheiros de luta do CIMI e CPT, através de Haroldo, Jenário, Alda, Domingos e Valderli.

Agradeço à minha orientadora, Jurema Machado, por toda paciência comigo, pois me pegou em um momento de muita fragilidade e me deu o apoio necessário durante todo esse processo. Ela me apresentou uma nova perspectiva teórica para pensar as relações entre religiosidades e homens e mulheres pataxós.

Agradeço aos meus queridos mestres do saber, através de Suzane, que assim como Sabrina, me acompanharam desde a graduação. Fabiana, Carlos Costa, Luydy, Ricardo, Patrícia, Wilson, dentre outros, cumprem com sua tarefa de construção e transformação de vidas pela educação.

A todos os que encantaram... Presentes!



PIRES, Brisa Santana. **Memória e Práticas religiosas como elemento patrimonial do povo Pataxó Hãhãhã, Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu, sul da Bahia.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia -UFRB. Cachoeira, 2023. 93 p.

**Resumo:** Esta dissertação é essencialmente uma pesquisa etnográfica que investiga as diversas memórias e práticas religiosas como elementos patrimoniais no contexto do povo Pataxó Hãhãhã. Teve como objetivo principal apresentar as diversas memórias e práticas religiosas que desempenham o papel de elementos patrimoniais no contexto do Povo Pataxó Hãhãhã, da Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu. Além de investigar como o patrimônio material e imaterial é ressignificado no âmbito da religiosidade, incluindo as urnas funerárias ou potes de barro encontrados na localidade de Água Vermelha, localidade destas terras. Os eventos e rituais religiosos desempenham um papel central na exposição das memórias que atravessam a história do povo Pataxó Hãhãhã, tanto no passado quanto no presente. Este estudo observa, de forma específica, rituais como o Ritual da Lua, o Encontro de Pajés, os Festejos de São Sebastião além disso, examinamos a maneira como as urnas funerárias foram ressignificadas e incorporadas ao patrimônio cultural desse povo. Incluindo uma compreensão da relação com os Encantados, as entidades sagradas e sua presença na estrutura social dessa comunidade.

**Palavras-chave:** Memória; Religiosidade; Pataxó Hãhãhã.

**Abstract:** This dissertation is essentially an ethnographic research that investigates various memories and religious practices as heritage elements in the context of the Pataxó Hãhãhã people. Its main objective was to present the various memories and religious practices that play the role of heritage elements in the context of the Pataxó Hãhãhã people, from the Caramuru Catarina Paraguassu Indigenous Land. In addition to investigating how material and immaterial heritage is reinterpreted in the realm of religiosity, including the funerary urns or clay pots found in the Água Vermelha locality, a location within these lands. Events and religious rituals play a central role in showcasing the memories that traverse the history of the Pataxó Hãhãhã people, both in the past and the present. This study specifically observes rituals such as the Moon Ritual, the Gathering of Shamans, and the Celebrations of Saint Sebastian. Additionally, it examines how funerary urns have been reinterpreted and incorporated into the cultural heritage of this people. This includes an understanding of the relationship with the "Encantados," sacred entities, and their presence in the social structure of this community.

**Keywords:** Memory; Religiosity; Pataxó Hãhãhã.

## SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 1: Questões Metodológicas – Passos Para a Pesquisa.....	18
Encontro de Mulheres da Bahetá .....	21
O Grande Encontro .....	27
Capítulo 2 : Entre as Práticas e as Crenças: o ritual da lua e o encontro de pajés .....	34
Encontro de Pajés .....	45
Capítulo 3: A Tradição do Culto a São Sebastião e as Urnas Funerárias.....	54
As Urnas Funerárias “Os Potes De Barro”.....	73
Considerações Finais.....	86
Referências.....	91

## Introdução

O povo Pataxó Hãhãhã desperta inúmeras memórias, desde minha infância até o presente. Minhas lembranças são intrinsecamente remetidas à Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu. Esta dissertação parte dessas memórias para abordar acontecimentos individuais e coletivos, eventos que foram por mim vivenciados ou que me foram relatados. Não se trata apenas de informar sobre patrimônio material ou imaterial, mas entender como o povo Pataxó Hãhãhã vem sobrevivendo e mantendo ativa as suas memórias e práticas religiosas através do tempo e as interações culturais após o contato com o “não-indígena” como um patrimônio a ser homenageado e preservado em seu modo de vida, incluindo as influências externas enfrentadas ao longo do convívio com o “não-indígena”.

Pretendo com esta dissertação, retratar um pouco e uma parte da vida desse povo em sua terra, suas memórias, ressignificações de eventos e práticas religiosas, moldadas por essas memórias.

O ponto de partida foi a definição do objeto de pesquisa: as práticas religiosas do povo Pataxó Hãhãhã, que reside na Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu, abrangendo os municípios de Camacã, Itajú do Colônia e Pau Brasil. Essas terras, outrora cenário de disputas entre fazendeiros e povos originários, abrigam, contemporaneamente, indígenas das etnias Pataxó, Kamakã, Kamakã Mongoió, Tupinambá, Kariri-Sapuyá, Baenã e Gueren. Esse mosaico de identidades é tratado aqui como famílias ou parentes, formando uma identidade heterogênea documentando sua rica história em meio às transformações ao longo do tempo.

A expansão das lavoura cacaueteira no final do século XIX e início do XX no Sul da Bahia resultou na expulsão de grande parte do povo Pataxó Hãhãhã de suas terras, que foram arrendadas aos fazendeiros devido a uma gestão corrupta do órgão estatal responsável pela “proteção” dos povos originários.<sup>1</sup> Essas terras foram oficialmente designadas como Reserva em 1926, em uma área considerada como terras devolutas do estado da Bahia (PARAÍSO, 1982, p. 42). De acordo com a lei de terras, Lei n.º 601,

---

<sup>1</sup> Instituição criada pelo decreto n.º 8.072, de 20 de junho de 1910 com o nome de Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/LTN). Tinha por tarefa a pacificação e proteção dos grupos indígenas, bem como o estabelecimento de núcleos de colonização com base na mão de obra sertaneja. As duas instituições foram separadas em 6 de janeiro de 1918 pelo decreto Lei n.º 3 454, e a instituição passou a ser denominada SPI. O SPI foi extinto em 1967 quando da criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) (Brito, 2013).

de 18 de setembro de 1950:

Dispõem sobre as terras devolutas no império, e acerca das que são possuídas por títulos de sesmarias sem preenchimento das condições legais, bem como por simples títulos de posse mansa e pacífica e determina que, medidas e demarcadas, sejam elas cedidas a título oneroso assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias de nacionais, e de estrangeiros, na forma que se declara” (Couto, 2008 *apud* Cunha, 1992, p. 212).

Em 1930, houve a imposição de ajuntamento de etnias pelo Serviço de Proteção do Índio (SPI).

Durante minha graduação no curso de Bacharelado em Museologia, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, realizei um trabalho de atividades em Educação Patrimonial em colaboração com o colégio estadual da Aldeia Indígena Caramuru Catarina Paraguassu. Em acordo com o corpo discente e com o apoio da comunidade e do Cacique Gerson,<sup>2</sup> concentrei minhas atividades nesse sentido.

No período de mestrado, retornei a Camacã, minha cidade natal, onde percebi a persistência do preconceito e a escassez da história indígena na sociedade local e no entorno. Nesse contexto, direcionei meus esforços para o povo Pataxó Hãhãhã, buscando difundir essa pesquisa na gestão municipal, na Secretaria de Educação, nas escolas e nos espaços culturais dos municípios do entorno.

Compreendo que o conhecimento não é inato ou natural, mas sim construído por meio de processos que moldam a compreensão dos eventos. Após anos de história e luta pela posse e permanência das terras, ainda persiste a crença equivocada de que uma população indígena invadiu as terras "produtivas, lucrativas e beneficiadas" dos fazendeiros locais. No entanto, a tradição oral e a memória oficial no município indicam que a área era habitada pelos índios da etnia Kamakã antes da chegada dos plantadores de cacau (Campos, 1981), reforçando a veracidade da afirmação do povo Kamakã quanto à sua residência nesse local.

Desse povo originou-se o nome da cidade, Camacã. Devido ao posicionamento contrário à propriedade e à monocultura do cacau, o povo Kamakã foi vítima de depredação cultural e chegou quase ao extermínio local. Localizada a oitenta e dois quilômetros de Itabuna, principal centro político e econômico regional, localizada a quinhentos e vinte quilômetros da capital do estado (Salvador), Camacã permanece

---

<sup>2</sup> Akaieki Gerson de Souza Mello, mais conhecido como Cacique Gerson pataxó, amigo querido a quem dedico todo o meu respeito e gratidão. Foi quem abriu as portas do território para que eu pudesse aprender sobre o povo Pataxó Hãhãhã, alguém que muito me ensinou e deixou seu legado de integridade e como um grande líder na luta contínua pela terra e os direitos indígenas. Uma liderança política que por quatro mandatos de vereança representou o povo Pataxó Hãhãhã na Câmara de Vereadores do município de Pau Brasil. Prematuramente teve sua vida ceifada em 15 de novembro de 2020 por omissão do governo federal com a vida dos povos originários durante a pandemia do covid-19.

como uma cidade impulsionada pela economia cacaueteira clonada, café e açai. De acordo com o Censo 2010 a população era de 34.646 habitantes, sendo 306 pessoas declaradas indígenas. Em novo Censo de 2022 esta população diminuiu, chegando a 22.578, ainda sem os dados de habitantes declarados indígenas.

Devemos ressaltar que esta pesquisa aconteceu em um momento pandêmico do covid-19 e que todas as atividades no período aconteceram de acordo com as normas da Organização Mundial de Saúde (OMS). Durante esse período, algumas etapas de campo não puderam ser acompanhadas e/ou realizadas em datas planejadas anualmente, este é o caso dos Festejos de São Sebastião e a andado do Reisado, e também o Encontro de Pajés, assim como, o Ritual da Lua, que acontece semanalmente.

Com base nas informações coletadas, proponho uma breve abordagem sobre o patrimônio, começando pelo patrimônio imaterial, que desempenha um papel central nas narrativas desse povo. José Reginaldo Gonçalves, em seu artigo O Patrimônio como Categoria de Pensamento, destaca a preocupação das sociedades contemporâneas em preservar o passado através de registros, locais, objetos, festividades, conhecimentos culinários, entre outros. Gonçalves resalta que não é possível alcançar uma definição única de política para o patrimônio, porém, podemos identificar uma dimensão universal dessa noção, na qual indivíduos e grupos de diferentes culturas participantes (Gonçalves, 2003, p. 25).

Dessa forma, o patrimônio pode ser compreendido como um esforço contínuo para preservar o passado para o futuro. Para que algo seja considerado patrimônio, é necessário que seja reconhecido, valorizado e que haja relações sociais e protegidas em torno do objeto ou evento em questão (Ferreira, 2006, p. 80).

Como primeiro capítulo trago as Questões Metodológicas – Pensando a Pesquisa, baseio-me nas concepções metodológicas de Mariza Peirano (2014), José Minayo (2002) e James Clifford (2012), em que descrevo como acontece a introdução da pesquisadora no campo e como a pesquisa foi conduzida.

O segundo capítulo tem como título Entre as Práticas e as Crenças: o ritual da lua e o encontro de pajés, onde apresento as práticas religiosas e ritualística do que giram em torno do Ritual da Lua e o Encontro de Pajés a partir da etnografia realizada, juntamente com a aproximação com a comunidade, que realiza esse ritual, bem como sua importância para o povo Pataxó Hãhãhã, ressaltando a importância de manter as tradições culturais presente nos dias atuais.

No terceiro capítulo, A tradição do culto a São Sebastião e as Urnas Funerárias,

apresento a execução da festa do santo e padroeiro de toda a aldeia, bem como o reisado surge no contexto do povo Pataxó Hãhãhã e abordo como as urnas funerárias ou potes de barro, achados arqueológicos descobertos por moradores da localidade de Água Vermelha, que compõem parte dos argumentos apresentados ao Supremo Tribunal Federal (STF) como prova da imemorialidade indígena das terras envolvidas em disputas entre fazendeiros e indígenas.

Neste ponto, adiciono um relato pessoal como pesquisadora: São Sebastião é o padroeiro da Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu. Eu fui convidada pelo Cacique Gerson para participar dos festejos em homenagem ao santo, no final de 2015. Naquela época, eu estava iniciando meus estudos acadêmicos e tive meu primeiro contato com a comunidade indígena, e sabia muito pouco sobre suas práticas religiosas.

Nasci em Camacã, onde também estudei, na rede pública. Pouco se falava sobre a presença indígena na região, exceto pelo nome da cidade, de origem indígena. Quando surgiu a oportunidade de estudar Museologia, na UFRB, em Cachoeira, vi a chance de aprender sobre a história e os aspectos culturais da minha terra. Descobri que o padroeiro do povo Pataxó Hãhãhã era o mesmo da minha cidade, Camacã, o que me intrigou e trouxe uma sensação de familiaridade. Decidi participar dos festejos no território, mesmo não sendo católica, algo que também percebi entre os interlocutores desta pesquisa.

A figura de São Sebastião tem um significado especial para mim, é padroeiro de Camacã, então cresci vendo o movimento da festa dedicada a ele, e poder compartilhar esses momentos com a comunidade indígena foi uma experiência enriquecedora.

Em 2009, durante um trabalho em uma fazenda, me deparei com potes de barro contendo ossadas humanas, que agora entendo serem urnas funerárias. A curiosidade sobre o tema cresceu, mas naquela época, sem acesso à internet e ocupada com o trabalho, não pude explorar mais a fundo.

Encerrando o trabalho, apresento as considerações finais, em que realizei uma análise abrangente de todas as atividades conduzidas ao longo da pesquisa para esta dissertação.



## Capítulo 1: Questões Metodológicas – Passos Para A Pesquisa

Segundo Peirano (2014) a ideia de “método etnográfico” é algo complexo, pensando em relação ao nosso cotidiano em que podemos observar e descrever situações vividas a partir de uma visão pré-concebida ou não:

Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos (p. 379).

Para que esta fosse possível foram necessárias muitas formas de convívio com a comunidade local, a qual tenho grande apreço e gratidão. Sempre fui bem acolhida durante os eventos e estadias nas casas em que fiquei. No entanto, para a feitura desta pesquisa, foi necessária uma nova forma de abordagem e aproximação, uma vez que durante a pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) fiquei restrita às relações da escola e fui acolhida na casa do cacique Gerson e um longo período na casa da professora Gildinai, onde fui muito bem recebida, uma excelente orientadora. Durante suas aulas e convivências como o corpo discente, sempre enfatizou a importância de manter latente a cultura que os envolve e muitas vezes fazia aulas extraclasse com a turma.

Em setembro de 2018, participei do 1.º Seminário Kariri-Sapuyá, promovido pelo Cacique Gerson, e lideranças locais e circunvizinhas. Esse seminário teve a presença de uma grande parte da comunidade e aconteceu nos dias 13, 14 e 15 de setembro na localidade de Água Vermelha. Neste período, eu já havia iniciado as primeiras atividades de campo, quando fui convidada pelo cacique Gerson para participar do I Seminário do povo Kiriri-Sapuyá e este foi o momento em que fui apresentada a parte da comunidade.

Estavam presentes também, agentes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Alda Maria Oliveira, Domingos Andrade, Jenário Souza e Haroldo Heleno e as pesquisadoras e professoras Maria Hilda Baqueiro (UFBA) e Jurema Machado de A. Souza (UFRB). Este também foi o meu primeiro contato com o reisado e o Toré. Desde então, fui convidada a participar de comemorações, datas de reflexão indígena e eventos posteriores.

Em 2021, quando iniciei a pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, percebi que o momento era bem diferente do inicial, e que a minha tarefa era muito maior. Eu já conhecia uma parte da comunidade e das lideranças, no entanto, os desafios eram

foram outros. Estávamos enfrentando a pandemia do covid-19, e em 2020 a comunidade perdeu o cacique Gerson, em decorrência deste vírus, e de certa forma eu me sentia também “órfã”, pois a minha proximidade era quase que restrita às pessoas ligada à escola, onde a atuação desse cacique era determinante. Então, após sua morte, passei a enfrentar o desafio de estabelecer relação com outros grupos e etnias como a Baenã, Tupinambá e Guerem. Durante o funeral do cacique Gerson, fiquei mais próxima do seu filho, Anselmo, mais conhecido como Binho, e da irmã do falecido cacique, atualmente a cacique, Zenólia Sousa Melo.

Em 1.º de maio de 2021 fui convidada pelas lideranças e pela coordenação da escola para com eles receber o assessor do secretário de cultural da Bahia André Reis, para a entrega do Projeto do Memorial Gerson Pataxó em ambiente escolar. Projeto este, vindo do Grupo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal da Bahia, através dos pesquisadores que fizeram a escavação dos potes de barro na localidade de Água Vermelha, este projeto foi elaborado inicialmente para abrigar estes potes, no entanto, a comunidade resolveu que será um memorial para salvaguardar o patrimônio material do Pataxó Hãhãhai.

No dia 29 de junho de 2021, ocorreu a primeira votação do ano do texto do Marco Temporal,<sup>3</sup> quando pude acompanhar os protestos que aconteceram com o fechamento da BR 101, junto às lideranças, e uma grande parte da comunidade. Os governistas acabaram por aprovar o parecer favorável ao projeto, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. Neste dia novos contatos foram selados, pois pude conhecer lideranças e caciques com quem eu ainda não tinha proximidade. A partir desse momento estabeleci meu primeiro contato com a família Muniz, começando por Dona Maria Muniz, de depois com outros membros da família Titiáh, primeiro com os irmãos Paulo e Luiz, filhos de Dona Maura e seu Davi.

Em 25 de agosto de 2021 houve outra mobilização contra o Marco Temporal. Neste momento já estou bem próxima às famílias e lideranças Pataxó Hãhãhai, consolidando uma aliança de confiança mútua. Na ocasião pude conversar com as

---

<sup>3</sup> O Marco Temporal constante no projeto de lei restringe a demarcação de terras indígenas àquelas já tradicionalmente ocupadas por esses povos na data da promulgação da Constituição Federal (5 de outubro de 1988). Ainda de acordo com o projeto, para serem consideradas terras ocupadas tradicionalmente, deverá ser comprovado objetivamente que elas, na data de promulgação da Constituição, eram ao mesmo tempo habitadas em caráter permanente, usadas para atividades produtivas e necessárias à preservação dos recursos ambientais e à reprodução física e cultural. Disponível em: [https://noticias.cers.com.br/noticia/camara-aprova-projeto-do-marco-temporal-das-terras-indigenas/amp/?gclid=CjwKCAjwp6CkBhB\\_EiwAIQVyxYCAadKbWifbO-AGaVxDdKePtvGX3yWflarM4W9rDa4NCp9dAMFdRhoCQ-MQAvD\\_BwE](https://noticias.cers.com.br/noticia/camara-aprova-projeto-do-marco-temporal-das-terras-indigenas/amp/?gclid=CjwKCAjwp6CkBhB_EiwAIQVyxYCAadKbWifbO-AGaVxDdKePtvGX3yWflarM4W9rDa4NCp9dAMFdRhoCQ-MQAvD_BwE). Acesso em: 08 jun. 2023.

lideranças sobre o projeto de pesquisa a ser desenvolvido.

No dia 1.º de setembro é retomada a sessão de votação da tese do Marco Temporal. As comunidades indígenas de todo o Brasil se puseram em mobilização, seja em intervenções em rodovias ou acampados em Brasília. Do Caramuru saíram algumas lideranças e representantes para Brasília e o restante da comunidade se reuniu na entrada do município de Camacã para protestar, pacificamente. Neste momento eu já os acompanhava, sem intervenções, desde mobilização interna até o passar do dia em protesto junto ao povo Pataxó Hãhãhã. Nesse dia fui convidada para conhecer e participar do IV Encontro de Pajé, que aconteceria em outubro, na aldeia Baixa Alegre.

Considerando esta forma de aproximação, de maneira coerente e elaborada, retratando o processo cientificamente como uma forma de quebra de paradigmas. De acordo com Minayo, a compreensão dos processos científicos, teorias e conceitos em diversas áreas é fundamental para explicar e entender fenômenos específicos. A etnografia, conforme Peirano (2014), é movida pela curiosidade em explorar sociedades e grupos desconhecidos. Os etnógrafos não seguem orientações pré-definidas, ajustando suas questões de pesquisa de acordo com as descobertas feitas no campo. Essa abordagem em evolução constante resulta em uma bricolagem intelectual em evolução constante (Peirano, 2014, p. 382).

A relação e percepção do pesquisador pelos sujeitos observados são fundamentais, conforme indicado por Minayo (2002).

Clifford (2012) destaca que os estudos etnográficos delineiam a formação e desintegração da autoridade etnográfica na antropologia social do século XX. A etnografia transcende a visão eurocêntrica do passado, aprendizado linguístico, envolvimento direto e conversação. É uma experiência real que permite a produção de conhecimento através do envolvimento intersubjetivo da prática etnográfica (Clifford, 2012, p. 256).

Durante o processo de pesquisa, participei de eventos como o Encontro de Mulheres da Bahetá e a Rede Nacional de Parteias Tradicionais, pajés, rezadeiras, benzedoras, entre outros. Essas experiências sentidas durante o meu aprendizado sobre a organização das mulheres indígenas e sua importância dentro e fora da comunidade, além de enriquecerem minha compreensão sobre as práticas culturais e culturais dos Pataxó Hãhãhã.

As fotografias e entrevistas aqui utilizadas são para que os leitores possam perceber, de modo mais realístico, o que aqui descrevo, a grande maioria do brasileiros,

ainda ter em seu imaginário, indígenas como as pessoas retratadas em livros de história com imagens ilustrativas pintadas e que se assemelham ao povos que os primeiros não-indígenas viram quando chegaram a estas terras.

### **Encontro de Mulheres da Bahetá**

Inicialmente, pude participar do Encontro de Mulheres da Bahetá (pronuncia Barretá), como fonte de aproximação e familiarização como as pessoas da comunidade. Pude observar as diversas dinâmicas que envolvem uma parte das famílias presentes no encontro.

O encontro de mulheres indígenas da Aldeia Bahetá, aconteceu entre os dias 18 e 19 de dezembro de 2021, e teve como objetivo a rearticulação interna das mulheres pós-pandemia; o fortalecimento às lutas das mulheres do território Pataxó Hãhãhã, com o intuito de melhorar a qualidade de vida nas localidades que englobam esse território. Pude perceber um momento de formação como temas pertinentes como à geração de renda; um espaço de produção de memórias e conhecimentos a partir de oficinas, e a troca de vivências de cada participante do encontro. Foi um momento de avaliação da participação feminina nas mobilizações e um espaço de formação de estratégias de atuação dentro da comunidade.

Chegamos à Aldeia Bahetá, no município de Itajú do Colônia, sexta-feira, dia 17 de dezembro, à noite, em um momento de acolhimento, organização de lugares para dormir, janta e muita conversa descontraída. Entre nós havia alguns homens para as tarefas mais pesadas, afinal a maioria das que estava ali eram anciãs.

No dia 18 de dezembro, pela manhã, após o café, as atividades foram iniciadas com o ritual do Toré, que é uma prática cultural significativa na tradição indígena brasileira. Trata-se de uma dança cerimonial e ritualística, muitas vezes acompanhada por cânticos e batidas de instrumentos tradicionais, como maracás e tambores. Desempenha diversos papéis dentro das comunidades indígenas, podendo ser realizado em várias ocasiões, como festividades, rituais religiosos, celebrações importantes e até mesmo em situações de resistência e reivindicação de direitos territoriais. Essa prática possui profundo valor espiritual, conectando-se com a identidade cultural, a memória coletiva e a transmissão de conhecimentos ancestrais.

O Toré frequentemente envolve movimentos coreografados, expressões faciais e gestos que comunicam histórias e valores fundamentais para a comunidade. Além disso, a dança do Toré pode desempenhar um papel crucial na manutenção da coesão

social e na preservação das tradições culturais indígenas.

Neste momento em que foi dado início ao Toré não posso deixar de falar sobre um incidente, ao iniciar o ritual de abertura: houve uma grande ventania, forte o suficiente para fazer esvoaçar muito do que havia, inclusive os toldos, o que levou um desses a atingir Dona Maria Muniz, que precisou passar por atendimento médico. Após isso, o ritual e as rezas foram intensificadas em uma grande roda de Toré, com a participação de todos os que estavam presente no encontro. Foi um momento muito emocionante entre as anciãs ali presentes; algo que me marcou, ao saber que aquele espaço trazia consigo também muitas das recordações de luta pela terra.

Em seguida, aconteceram as mesas iniciais com lideranças e caciques mulheres e a participação do chefe de posto, Wilson de Jesus (Ninho) e também alguns dos caciques que foram prestigiar o evento. A mesa tinha como tema Mulheres Pataxó Hãhãhã Construindo Resistência, Protagonismo e Superando Desafios em Tempos de Pandemia.

No mesmo dia, à tarde, foi um momento de descontração em um grupo com a temática Superando Desafios e Construindo Resistência para a Luta das Mulheres Dentro do Território e Fora Dele. Todas nós contamos um pouco na nossa história de vida. Muitas choraram a partir das memórias e vivências contadas; lembraram de seus familiares e como tem sido a luta até o momento presente. Para finalizar as atividades, foi proposta uma divisão de tarefas para as oficinas do dia seguinte.

À noite, foi uma maravilha, após o jantar, vivenciamos a noite cultural, dançamos e rimos muito ao som do reisado. Uma noite maravilhosa que terminou em volta de uma fogueira, contando e escutando histórias e assando peixe, a noite estava linda, foi uma vivência inesquecível. O que, segundo Souza, é também um lugar de compartilhamento das trajetórias entre as várias gerações, bem como a construção das narrativas ocorrem nesses momentos, à beira do fogo ou no terreiro, à noite, quando se reúnem para fumar, tomar um café (Souza, 2019 p. 23).

Na manhã do dia 19, todas de pé, bem cedinho, banho no rio e logo após as atividades foram retomadas com o Toré inicial, após este momento foi dado início às oficinas Memórias dos Dia Anterior, com Cirlene Gonçalves e Saíra Ferreira, a outra oficina foi Ervas Medicinais, Plantas que Alimentam e Curam, com Dona Maura Titiáh.

Para finalizar, houve uma roda de conversa muito emocionante e depois um sorteio de mimos para as mulheres, uma felicidade só, inclusive eu ganhei uma caixa de

chocolate. No retorno para casa, fui repassando as trajetórias em meus pensamentos e analisando o quanto foi gratificante e o quanto pude aprender ao estar em meio àquelas mulheres, que parecem tão frágeis, mais de uma força tamanha.

Nesse contexto, essas mulheres são consideradas interdependentes, influenciadas por variações como memória histórico-social, identidade, minorias e geração. Essas categorias são moldadas por interações sociais relacionadas à terra, trabalho, casamento e grupo doméstico. Enfatiza-se também os modos de ação e representações, visando a compreender a forma como a prática reitera a estrutura e, reciprocamente, como a estrutura influencia a prática (Souza, 2007, p. 57).

Durante esse período pude notar a força e a resistência da mulher Pataxó Hãhãhã, escutar como aquelas que são anciãs hoje, foram valentes antes, durante as retomadas estavam na frente com suas crianças como uma forma de sensibilizar a maldade dos “homens”. Essas mulheres organizaram todo um território, combateram, lado a lado com os homens, e hoje estão passando seus conhecimentos aos mais novos, as formas de defesa e como se fortalecer.

Esses encontros, vão além de simples encontros. São espaços de resistência; espaços políticos e de transmissão da força da mulher a partir de seus próprios exemplos. Assim como demonstram a importância do patrimônio material e imaterial para este povo, poder participar desta passagem de conhecimento ancestral, da história oral de transmissões como um imaterial a alcançar o longínquo em gerações foi uma experiência imensurável.

Em entrevista com a cacique Ilsa,<sup>4</sup> pude perceber o quão valoroso são esses espaços e o quanto essas mulheres aprenderam com suas mães que a todo momento são invocadas como exemplos, e mesmo no período em que passaram fora das terras de reserva, absorveram o valor de manter a cultura presente, independente de onde estavam.

Durante o encontro foram compartilhadas histórias de nascimentos e o evento da laqueadura para esterilização de algumas mulheres do povo, pelo então médico deputado Roland Lavigne. Discutiu-se também assuntos como a saúde física e emocional das mulheres. Cabe estabelecer aqui que a laqueadura não autorizada destas mulheres foi um momento crítico na história deste povo, assim como afirma Souza, “A esterilização

---

<sup>4</sup> Ilsa Rodrigues da Silva, nascida em 16 de novembro de 1971, estudou até a sexta série do ensino fundamental, filha de mãe Kariri-Sapuyá e pai pataxó do sul da Bahia, identifica-se como Kariri-Sapuyá. Cacica há dezesseis anos, uma das forças e liderança feminina dentro da comunidade. É de religião evangélica, no entanto, de forma alguma deixa de acreditar e praticar os rituais e religiosidade indígena.

de um conjunto de suas mulheres pode ser considerada um evento crítico na história do povo Pataxó Hãhãhã , que alterou sua identidade, seu discurso, percurso e redefiniu a trajetória das suas identidades, pela via da relação de gênero e mediante a interposição da imprensa, agências da sociedade civil e de aparelhos do Estado (Souza, 2007).

O encontro das mulheres indígenas da aldeia Baheté teve o apoio da Embaixada dos Países Baixo e da Adveniat (instituição de caridade dos católicos na Alemanha para o povo da América Latina e do Caribe), e contou com a assessoria do CIMI Regional Leste. É um evento organizado pelas mulheres pataxó HãHãHã para as mulheres pataxó hãhãhã, tendo à frente Dona Maria Muniz, sua irmã Maria de Fátima (Nega) e Maria de Fátima da Baheté.

De acordo com o CIMI estas atividades têm sido constantemente uma prioridade da região, que busca, em conjunto com as mulheres indígenas, dar visibilidade às suas lutas, fortalecer suas organizações e promover o intercâmbio entre as mulheres indígenas e outros grupos, como mulheres camponesas e urbanas. Recentemente, ocorreu um momento significativo promovido pela Região Leste em Bom Jesus da Lapa, no oeste da Bahia, com o respaldo da Caritas Alemã. Esse evento propiciou o intercâmbio e a troca de conhecimentos entre as mulheres indígenas do Oeste da Bahia e aquelas do Sul e extremo sul da Bahia. Diga as mulheres indígenas que avancem! Avançarão...”

Na imagem abaixo podemos ver banner como elemento de informação a memória e árvore genealógica de da Aldeia Bahéta.Essa ancestralidade vai além, quando invocam essas memórias afetivas e religiosas.

Fonte: Brisa Pires, 2021.



Momento inicial e de comoção entre as participantes do encontro ao invocar memórias. No centro da imagem estão Dona Maura, Dona Emília e Dona Maria Muniz.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

Mesa com liderança convidadas e caciques, onde cada participante teve seu momento de fala e expos o andamento das atividades das suas localidades, demonstrando que este é um encontro político e religioso que acontece na Aldeia Bahetá.





Fonte: Brisa Pires, 2021.

### Mesa de formação para as mulheres.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

### Momento de Oficina



Fonte: Brisa Pires, 2021.

Esta imagem mostra o momento em que acontece a oficina realizada por Dona Maura, ensinando a utilização das ervas medicinais como os chá, sumo e a ingestão destas. Ela ensina também qual o melhor momento do plantio das sementes e como preparar uma boa terra. Podemos observar nesta imagem, que a maioria das mulheres estão utilizando tanga feita de taboa, material cerâmico que também são produzidos por indivíduos da comunidade.

Fonte: Brisa Pires, 2021.

Encerramento do 5.º Encontro de Mulheres na Bahetá como varias gerações.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

## O Grande Encontro

No período em que tange à pesquisa, pude estar presente também a um grande encontro que aconteceu na Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassú, onde pude entender um pouco mais sobre os rituais que acontecem individual e coletivo em diferentes localidades da aldeia, a partir das declarações e depoimentos que ouvi das pessoas ali presentes.

O Encontro da Rede Nacional do Brasil de parteiras tradicionais, pajés, rezadeiras, benzedeiras, curandeiras, alquimistas, raizeiras, mães e pais de santo, xamãs no estado da Bahia, foi realizado na Terra Indígena Caramuru acomodado no Colégio Estadual Caramuru Catarina Paraguassu no município de Pau Brasil, entre os dias 27 a 30 de maio de 2022 com um público de cem pessoas.

Entrada do Colégio Estadual da aldeia Indígena caramuru Catariana  
Paraguassu



Fonte: Brisa Pires, 2021.

O encontro teve como um dos seus objetivos elaborar, legitimar e encaminhar propostas que contribuirão com os objetivos e os temas do XII Congresso Internacional, entre 30 de outubro a 9 de novembro de 2022 que acontecerá na Europa.

As atividades foram iniciadas na noite dia 27 com os rituais xamânicos em volta de uma fogueira na frente da escola, onde se apresentavam pajés, curandeiros, parteiros, rezadeiras, benzedoras e alquimistas presentes ao som dos Torés, um deles foi:

Abertura do Encontro de Parteiras/Noite do dia 27/05.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

Abertura do Encontro de Parteiras/Noite do dia 27/05.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

#### Toré inicial

Todo índio tem ciência,  
Todo índio tem ciência,  
Aí meu Deus, o que será,  
Aí meu Deus, o que será,  
Tem a ciência divina,  
Tem a ciência divina,  
No tronco do Juremá  
No tronco do Juremá.

Dia 28, o evento foi iniciado com uma grande roda de Toré, e após esse momento as parceiras não-indígenas e os representantes dos povos originários presentes também apresentaram os relatos das condições de vida cultural e social das suas localidades, a relação com os direitos, saúde, economia, segurança e educação.

Houve uma grande mesa, com conversa aberta sobre os impactos da pandemia, vacinação e o novo normal, que prioriza a proteção e a prevenção contra o covid-19 e todas as suas variantes, o que contribuiu para a consciência coletiva pacifista, para o bem comum. Foram apresentadas as propostas e a estratégia para a realização do Censo Nacional 2023, que envolverá todos os presentes.

Início das atividades do dia 28/05 com Toré e Reisado.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

Mesa inicial do Encontro.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

Em 29 de maio, dia do encerramento, aconteceram plenárias gerais, rodas de conversa e grupos de sistematização e encaminhamentos, além da realização dos rituais e celebrações, cumprindo a metodologia em homenagem às ancestrais parteiras e os povos originários.

Durante todos os dias do evento aconteceram mesas e rodas de conversa, assim

como dinâmicas de socialização entre os presentes, com assuntos sobre política e social abordados de forma criativa.

Este encontro foi organizado por Suely Carvalho, de setenta anos, Parteira Tradicional há quarenta e sete, Griô, Rezadeira, Curandeira Xamânica, Coordenadora da Rede Nacional de Parteiros Tradicionais do Brasil, e representante brasileira do *Consejo de Abuelas Parteras Indigenas de las Americas*. Fundadora, com com Hildeides Santos Fernandes (Bida), da ONG Cais do Parto, em Olinda, Pernambuco, em 1991; Conselheira Estadual da Rede Nacional de Parteiros Tradicional do Brasil junto à equipe local, Dona Maria Muniz, Fábio Titiáh, Jaciara Trajano (Dadi) e o Conselho Indigenista Missionário com participação da Alda Maria Oliveira.

A senhora Suely foi quem presidiu a mesa, junto aos convidados, durante toda atividade. Além do que já foi elencado, ela é também criadora da Escola de Saberes, Cultura e Tradição Ancestral (ESCTA). Segundo ela, esta escola tem o compromisso de preservar e honrar a tradição das parteiras como um legado milenar, facilitar a abertura e desenvolvimento do dom inato das pessoas que buscam o conhecimento dos saberes e práticas ancestrais das parteiras, curandeiras, rezadeiras, benzedadeiras e alquimistas, buscando preservar e atualizar a sociedade para o significado e propriedade culturais destas tradições ancestrais.

Em entrevista com a cacique Ilsa, ela fala sobre a importância do encontro de rezadeiras, a importância da medicina tradicional:

Eu sou filha de mãe Kiriri Sapuyá e pai pataxó do extremo sul. Eu sou evangélica, né? Mas não deixo de participar do Toré, dos costumes, inclusive, ainda tem algumas coisas que minha mãe fazia ainda a lembrança, que a gente lembra, né? E eu não deixo, inclusive, né? A minha sogra, dona Lisinha, eu também trabalhei mais de três anos com medicina natural, como cuidar das plantas, como fazer remédio, eu trabalhei juntas com elas, e ela era parteira, então, ela tinha o jeito de pagar os filhos, então, nisso eu ainda preservo muito, independente da minha religião eu respeito muito a parte cultural nossa e a nossa religião.

A cacica faz uma intervenção sobre a importância das práticas medicinais natural e a importância dos anciões dentro da comunidade na transmissão e continuidade dessas práticas:

Hoje eu tenho dezesseis anos de cacicado, por quê? Experiência com os anciões, foi eles que reuniu, foi eles que achou que eu poderia ser líder. Mas é importância, porque eles, com essa experiência é onde que ele vai ensinar um remédio, como fazer, né? Como pegar uma folha para fazer um remédio, porque não é de qualquer maneira. Muitas vezes eles pensam (os jovens): “Eu vou panhar [sic] aí e fazer um chá”, mas não é assim, não; tem ciência dentro da própria planta. Então, o jeito de cuidar, também. Então o jovem que não dá importância a ele, só vai perdendo. Aqueles que ouvem o ancião; aquele que sentou com o ancião para ouvir, ele é uma coisa muito forte, porque tem coisas dentro do ancião que ele só fala para aquele jovem se ele sentir vontade de falar;

se ele sentir confiança naquele jovem, ele passa. Eu aprendi muito com elas. Eu trabalhei mais de três anos com três anciãs, quatro na verdade, porque uma já faleceu também, Jarda, já faleceu também Elisa (Lisinha), e uma que tá viva ainda é Marta e a outra é Maura, que também fez parte do grupo, Maura Titiáh que também fez parte do grupo de medicina (Ilsa, cacica, 2022).

Durante a entrevista com a cacica Ilsa, é evidente sua abordagem sobre a significância da tradição cultural do povo Pataxó Hãhãhã. Ela destaca a relevância crucial de preservar e perpetuar essa herança para as gerações futuras, algo que foi fundamental em sua própria experiência. Mesmo sendo seguidora da religião pentecostal, Ilsa reconhece a necessidade de preservar a tradição cultural dentro do território, enfatizando sua importância.

É importante mencionar a relevância do Decreto n.º 3.551/2000, que abrange os bens de natureza imaterial e tem impulsionado políticas públicas nessa área. Isso representou uma mudança no paradigma entendido como patrimônio, ampliando-o para incluir manifestações culturalmente relevantes para a formação nacional. Além disso, destacou a dimensão simbólica dos bens no processo de construção do patrimônio cultural, abordando temas complexos como a inclusão/exclusão da memória das diversas matrizes culturais brasileiras, o significado dos "direitos culturais" constitucionais e a questão da identidade nacional.

A valorização das línguas, danças, canções, celebrações, tradições e conhecimentos, assim como outras formas de manifestações sociais, desempenha um papel fundamental na preservação e salvaguarda do modo de vida dos povos indígenas. Isso requer uma constante dinâmica de movimento, inovação e renovação. Essa jornada exige a colaboração de diversos atores sociais, habilidades técnicas, recursos e uma perspectiva crítica-analítica que transcenda as premissas comuns da cosmovisão ocidental, frequentemente influenciada por preconceitos, julgamentos descontextualizados e inclinações comparativas (Gallois, 2006; 2011).

A importância de preservar e proteger a diversidade cultural e os patrimônios intangíveis é evidenciada por Regina Abreu (2003) no contexto do patrimônio imaterial/intangível, conforme estabelecido pelo Decreto n.º 3.551/2000. Abreu discute a produção da memória como patrimônio, especialmente a partir das experiências dos povos originários. Essa perspectiva possibilita a observância, transmissão e mobilização do conhecimento, bem como a compreensão do patrimônio como um sentimento de pertencimento, muitas vezes surgindo da sensação de perda.

A noção de patrimônio abrange não apenas aspectos materiais, mas também a



diversidade biológica e sua conservação, além do uso sustentável. Abreu destaca a importância do patrimônio natural e das políticas formuladas para garantir os direitos dos povos indígenas e das populações tradicionais que interagem harmoniosamente com o ambiente natural, conhecendo, conservando e praticando atividades de baixo impacto.

Nesse sentido, Marcia Santana, ao citar Choy (1996 p. 49), ressalta o movimento de mobilizar a memória coletiva por meio da emoção e efetividade, preservando assim a identidade de comunidades étnicas, religiosas, nacionais, tribais ou familiares. Essa ampliação da noção de patrimônio vai além das estruturas físicas, englobando eventos coletivos e pessoais, tradições rituais, técnicas culinárias, transmissão de conhecimento e celebrações. Esses elementos mantêm viva a memória como patrimônio e a conectam às gerações futuras.

Ao longo do período de observação e acompanhamento junto ao povo Pataxó Hãhãhã, pude vivenciar a importância da continuação dos saberes e das reivindicações por reconhecimento social. Essa pesquisa se baseia em uma etnografia realizada em espaços como escolas, igrejas, rituais indígenas e manifestações.

Para uma melhor compreensão deste tema, é pertinente mencionar novamente as palavras de Regina Abreu no artigo Tesouros humanos ou quando as pessoas se tornam patrimônio cultural. Nesse texto, Abreu aborda os "mestres da arte" como referência para a definição de patrimônio imaterial ou intangível, o que remete diretamente ao povo Pataxó Hãhãhã em sua constante luta pela preservação e manutenção de seu território e expressões culturais.

Segundo Abreu, o patrimônio imaterial ou intangível é composto por um conjunto de manifestações culturais, tradicionais e populares que surgem de forma coletiva dentro de uma comunidade, fundamentadas na tradição. Essas expressões são transmitidas oral e gestualmente, e ao longo do tempo passam por um processo de recriação coletiva. Nessa modalidade de patrimônio estão inclusas as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festejos, a medicina tradicional, as artes culinárias e o conhecimento prático da produção artesanal e das construções tradicionais (Abreu, 2003 , 84).

Essa definição ressalta a importância vital dessas expressões culturais para os povos, como os Pataxó Hãhãhã, que buscam preservar suas tradições e resistir no contexto atual. Esses elementos culturais são fundamentais para a identidade e memória coletiva, sendo transmitidos de geração em geração. São tesouros que transcendem o material e representam um vínculo com o passado, um legado a ser preservado e

compartilhado com as futuras gerações.

A partir das análises e observações do cotidiano na Terra Indígena terra indígena Caramuru Catarina Paraguassu, fica evidente que o conceito de patrimônio possui um significado abrangente para os homens e mulheres que compõem o povo Pataxó Hãhãhã.

Esse grupo é resultado da união de diferentes famílias com origens e rituais distintos, conforme discutido por Pedreira (2017, p. 28). O termo "famílias" ou etnias é usado para se referir aos diversos povos indígenas acolhidos nessa terra indígena específica, representando a forma como os indivíduos vivem o coletivo, sendo também denominados como tronco ou ramos.

Dentro do território estabelece-se um reconhecimento tácito de que são "parentes", o que decorre das lutas travadas e das memórias construídas ao longo dos anos. Seus antepassados diretos são provenientes de diferentes "troncos", etnias ou "famílias". A união ocorreu devido à imposição do governo federal na criação da reserva indígena. No entanto, contemporaneamente, o contexto dessas "famílias" e os processos de luta em que estiveram envolvidas permitiram a formação de uma identidade baseada na união de diversos povos como forma de lutar pela sobrevivência e existência.

## **Capítulo 2 : Entre as Práticas e as Crenças: o ritual da lua e o encontro de pajés**

O Ritual da Lua é uma atividade que ocorre semanalmente na aldeia Baixa Alegre, uma localidade situada na Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassú. Acontece sempre às sextas-feiras, comemorando a chegada de cada nova lua. Esse ritual faz parte da continuidade de um evento chamado de ritual, que ainda acontece restrito a diversas famílias indígenas. Os rituais e cerimônias que envolvem os Encantados são uma parte vital das práticas religiosas indígenas. Através desses rituais, as comunidades estabelecem contato com esses seres espirituais, buscando orientação, vitórias e proteção. Músicas, danças, oferendas e rezas são frequentemente utilizadas para homenagear e se conectar com os Encantados.

Os Encantados são entidades espirituais presentes nas tradições e crenças de diversos povos indígenas. São seres que habitam o mundo invisível e que têm um papel significativo nas práticas religiosas e culturais dessas comunidades. Os Encantados são vistos como seres que possuem conhecimentos e poderes especiais, e muitas vezes são considerados intermediários entre os seres humanos e as forças da natureza, os

ancestrais e o mundo espiritual.

Em um determinado momento, os Encantados fazem o pedido para celebrar a chegada das luas, tornando-a um compromisso de atividade contínua. Tem como organizadores a família Muniz, sob a coordenação do Cacique Nailton Muniz, Dona Mocinha<sup>5</sup> e Dona Maria Muniz.<sup>6</sup>

O Ritual da Lua representa a continuidade dos "rituais sagrados" e pode ser descrito como uma prática que retroalimenta os costumes e tradições que constituem o patrimônio de parte desta comunidade. É guiado pelos Encantados, que solicitam o fortalecimento espiritual do povo Pataxó Hãhãhã.

O que segundo Dona Maria Muniz nos explica em suas falas durante as entrevistas que:

Essas memórias do Ritual para com o nosso povo, ela é uma memória muito forte, porque assim, quando a gente pratica, a gente utiliza, a gente recebe um ser espiritual divino muito forte, e as vezes a gente acha que não temos possibilidade de ter a orientação por esses seres espirituais, a nossa floresta, as nossas matas, o nosso Sol, a nossa Lua, as nossas estrelas e as nossa Mãe-Terra, que ela vem nos dá essa força e esse equilíbrio para que possamos tá recebendo a transmissão de palavras de fortaleza da natureza para que a gente possa tá ali, agindo junto com a nossa comunidade, aquela voz que veio do Sol, da Lua, das estrelas, das águas, do fogo, né? Da Mãe-Terra, das matas, dos pássaros, enfim, de toda a natureza, e a gente recebe as informações, né? Como a gente pode caminhar, com a gente pode seguir, como a gente pode fazer remédio para parente, como a gente pode fazer o banho para o parente, ou até mesmo sem ser parente, para um amigo que acha, que não ignora nosso trabalho, que acredita que o ser supremo da autorização para que a gente possa acreditar no que está aí no nosso universo e é muito forte essa coisa e nós respeitamos esse ser espiritual e com isso a gente tem várias conversas e várias respostas e várias decisões, a conexão do ser, da natureza e de todo o Universo, eles nos orienta que caminho a gente pode seguir (Dona Maria Muniz, 2022).

É importante ressaltar que essas práticas ocorrem em meio a uma conjuntura de desmanche das políticas públicas<sup>7</sup> para o patrimônio e ataques constantes à vida dos povos indígenas e em meio à pandemia do covid-19. O Ritual da Lua representa um espaço de resistência e fortalecimento do sentimento de pertencimento à identidade

---

<sup>5</sup> Tinahã pataxó, mais conhecida com Dona Mocinha, de etnia Kiriri Sapuyá, de Pedra Branca, nasceu em território Maxacali, na cidade de Santa Helena de Minas, na aldeia Água Boa no estado de Minas Gerais.

<sup>6</sup> Maria Muniz de Andrade Ribeiro, formada no Magistério indígena e não-indígena, de família étnica tupinambá, nasceu em data de 14 de junho de 1949, natural de Arataca-Una. Atualmente vive na TI caramuru na aldeia Milagrosa. Acredita no poder da educação e da leitura. Com uma trajetória de luta e uma forte herança ancestral adquirida a partir de sua mãe Lucília Muniz, dona de uma força e saberes que foram transmitidos a seus filhos. Para Maria Muniz/Mayá o aprendizado é constante, então Mayá utiliza de todos os momentos e lugares para ensinar, debaixo de árvores, em acampamentos em retomadas e em volta de fogueiras. Tem como irmãos Helena Muniz de Andrade, Luciene Muniz de Andrade, Luzinete Muniz de Andrade, Manuel Muniz de Andrade, Maria de Fátima Muniz de Andrade, Rita Muniz de Andrade e Nailton Muniz (Airiri). Mãe de Reginaldo de Andrade Ribeiro, avó de quatro netos e uma bisneta (sua paixão).

<sup>7</sup> O momento a que me refiro é o do governo Bolsonaro, em vigência de 2019 a 2023.

indígena Pataxó, por meio do contato com os aspectos culturais presentes em seus rituais religiosos e da diversidade presente nessas práticas.

Em relação a esse momento pandêmico, pude escutar de Dona Maria Muniz, que diz o seguinte:

Você vê que a pandemia dessa covid que teve aí, nós se cuidamos coma medicina natural, os nosso remédios e nós, cada um que adoeceu, que pegou essa covid, o que aconteceu? Eles começaram a procurara nós anciãos para fazer os banhos, para fazer os chás para eles tomarem, para evitar que isso acontecesse e que fosse pior.

Quando falaram que não era pare ter aglomeração de pessoas e tal e tal, foi, nós paamos um ano de fazer o ritual, mas aí a gente recebeu uma mensagem da natureza, da floresta, que nois tinha que continuar, que era nois, que era a natureza que ia nos ensinar a fazer os remédios para evitar o problema dentro da comunidade, e aí nos demos continuidade ao nosso ritual para fortalecer todo mundo, fortalecer aqueles que acreditava e os que não acreditava e como realmente teve várias que teve esse vírus invisível que eu não gosto nem de falar o nome, e vários tiveram, mas tá todo mundo aí, se curou como? Tomando chá, tomando os banhos que nós fazia, o álcool que eu fiz muito álcool para evitar, porque nois não tinha condições de tá comprando álcool para toda a comunidade. O governo não mandou para nois um álcool que desse para atender toda a aldeia, nois tivemos que preparar o nosso álcool com as nossas ervas que nois tínhamos dentro da área, compramos o álcool 70° e preparemos com nossos matos daqui e todo mundo tai curado. Você mesmo nunca deixou de vir aqui e graças a Deus nunca teve problema. Tivemos uma perda aqui, todo mundo sabe, mas foi por causa de teimosia... (Dona Maria Muniz, 2022)

Neste trecho da entrevista, Dona Maria aborda um dos temas que foi de grande discursão nacional durante esse processo pandêmico, a invisibilidade dos povos indígenas para o governo que por hora estava no poder. Momento em que mais uma vez os povos indígenas foram negligenciados e tiveram suas vidas ceifadas em muitas das comunidades.

Ao compreender que a etnografia não se resume apenas à escrita de textos, mas é uma experiência de construção de sentido que ocorre, em parte, no campo e por meio das relações estabelecidas com os interlocutores, é possível compreender a importância da pesquisa participante junto aos povos originários (Souza, 2007, p. 62). Nesse contexto, a participação na pesquisa permite estabelecer laços e aprender sobre a importância de cada elemento desse ritual para a continuidade da existência cultural dos povos. É importante ressaltar que a abordagem etnográfica participante não invalida as distâncias estabelecidas pela pesquisadora. Ao mesmo tempo em que há presença e envolvimento, são adotados procedimentos e cuidados para garantir que o viés não descaracterize o estranhamento e, conseqüentemente, a distância estabelecida entre pesquisador e objeto.

Nesse sentido, é importante discutir os elementos constitutivos da memória, tanto individual quanto coletiva. A memória individual refere-se aos eventos vivenciados pelo

indivíduo, enquanto a memória coletiva abrange os eventos experimentados pelo grupo ou comunidade em que a pessoa está inserida, ou seja, são os eventos "vividos por tabela" (Pollak, 1992, p. 2).

Os rituais e a relação com os encantados durante o Ritual da Lua desempenham um papel fundamental na formação da memória e da concepção de patrimônio do povo Pataxó Hãhãhã, contribuindo para a sua construção contínua. É especialmente no ritual conhecido como Toré que essa interligação pode ser observada.

Nos espaços rituais, como o Ritual da Lua, os encantados desempenham um papel ativo ao oferecer orientações para as pessoas presentes, para as lideranças da comunidade e para a organização da vida social e religiosa do povo. Os encantados possuem uma agência própria, influenciando a memória do povo e fazendo parte do seu patrimônio cultural. Assim, é possível perceber a relação hierárquica que envolve a cultura imaterial e uma conexão natural e inconsciente entre os encantados, as lideranças e os participantes do ritual.

É a descrição do Ritual da Lua e as reflexões suscitadas a partir dela que versará esta etapa da pesquisa e as observações imbricadas na relação entre as práticas e os costumes culturais do povo Pataxó Hãhãhã. Conforme afirmação de Roy Wagner, "estudamos a cultura através da cultura, e, portanto, as operações, sejam quais forem, que caracterizam nossa investigação devem ser também propriedades gerais da cultura" (1981, p. 35).

O que, segundo Dona Maria Muniz, o ritual não foi algo que começou, foi a continuação de um grande ritual sem nome específico, algo maior por transmissão oral de sua mãe, um legado:

A minha mãe, e já ela nos orientava, nós fazíamos os rituais escondidos, mas mesmo assim, a minha mãe, nos fundos, no quintal, sentava com a gente, aconselhava, fazia orações e passava pra gente que nois tinha uma cultura a cultivar e preservar, então, por isso ela tava ali nos dizendo, nos orientando, que era muito importante a gente respeitar a nossa cultura e praticar.

Então, a minha mãe foi a minha primeira professora e é por isso que no meu livro eu escrevi "A Escola da Reconquista", porque a minha primeira professora foi minha mãe, não sabia a letra do "A", mas era inteligentíssima.

Ela me deu várias aulas orais, me explicando o que era nosso, né? E a importância da gente preservar nossa cultura, o nosso ritual, como a gente tem que preservar. Então ela foi assim, uma professora muito rica para mim.

Hoje, tudo aquilo que minha mãe nos orientou, que minha mãe era e foi a nossa grande pajé em vida, né?

Ela nos orientava, digamos assim, para quê e porque praticar o nosso ritual. Para que nos pudéssemos nos fortalecer, ser pessoas fortes e que tinha, digamos assim, a possibilidade de guerrear para defender aquilo que é nosso, guerrear para ajudar o parente também a defender aquilo que é dele, então, esse ritual, ela nos ensinou que a gente sempre tinha que estar praticando ele. Então, hoje ela faleceu, não é mais ela, mas ela deixou um legado dela com o cacique Nailton e comigo para que a gente pudesse preparar os nossos jovens, nossas crianças

para tai atuando naquilo que é necessário para nois fortalecer a nossa comunidade, fortalecer o nosso o nosso povo, a nossa juventude ai! Porque é aquela história que ela dizia para nois: “Eu não sou eterna, um dia eu tenho que me encantar e seguir a minha viagem. Você e Nailton, não é eterno, também vocês vão ter que se encantarem um dia também vão viajar para o seu local onde o nosso deus Tupã vai colocar e isso nois vem mantendo esse trabalho aí com os nossos jovens, com as nossas crianças, para que amanhã eles saibam a importância dessa cultura, esse ritual, porque a gente utiliza a pratica desse ritual, Então para nois ele é muito importante. Porque ele nos enriquece, faz nois crescer, nois se fortalecer, faz nos acreditar que sem a nossa cultura nois não somos nada.

Olha, aqui a gente começou primeiro com o ritual, só que depois a gente recebeu as ordens dos Encantados, dizendo que a gente tinha que comemorar também cada quadra da Lua e aí a gente começou também a comemorar as quadras da Lua, que é esse o trabalho que o Cacique Nailton juntamente comigo nois faz, toda sexta feira nois temos uma quadra de Lua para comemorar, para fazer o ritual, Lua Crescente, Lua nova, Lua Minguante e Lua Cheia. E aí, logo primeiro foi o ritual que a gente começou, mas depois a gente recebeu uma ordem que tinha uma outra missão, que era o Encontro de Pajés.  
(Dona Maria Muniz, 2022).

Como podemos observar mais uma vez, para o povo Pataxó Hãhãhã a influência de seus pais, avós e os anciões mais próximos é de grande importancia para a continuidade das crenças e de seus memórias. Dona Maria Muniz, indica a grande importância e como acontecia esse ritual em sua residência realizado por sua mãe, dona Lucinda, e como essa lembrança é uma uma memória latente em sua vida ainda hoje.

Denominado como “o laço vivo das gerações” por Maurice Halbwachs, podemos observar como um exemplo de memória genealógica e familiar ao ler as entrevistas ao longo do texto. Em sua maioria trazem o fator da linhagem por ocasião da memória e os momentos de construção desta, seja ela advinda de pai, mãe ou alguém de laço consanguíneos. Em sua maioria estas entrevistas nos informa que estes rituais acontecem e são a continuidade de uma geração para outra, o que de acordo com Candau afirma que “a genealogia pode ser definida como uma “busca obsessiva de identidade” e se apresenta com mais força quanto mais as pessoas experimentam o sentimento de distanciarem de suas “raízes” (Candau, 2011 p. 137).

A preparação para o Ritual da Lua é contínua. Durante a semana, ocorrem os banhos de folhas para aqueles que necessitam, e na sexta-feira tudo se intensifica.

Na manhã de sexta-feira, há a coleta de madeira seca para a fogueira, que fica do lado de fora da cabana, onde ocorre o ritual. Realiza-se a limpeza da cabana e também a coleta de folhas e raízes para banho e remédio.

Os instrumentos musicais utilizados durante o ritual são o atabaque, o tambor, o maracá, o tricô ou chocalho. Ao entardecer, a maioria começa a fazer o ritual de pinturas e organiza as vestes para o ritual. Enquanto isso, na casa do cacique, a janta é preparada

para que todos se alimentem antes do ritual. Aqueles que desejam ou necessitam fazem uso do banho de remédio. Assim que todos estão prontos, por volta das dezenove horas, se reúnem na cabana. Pessoas de outras partes da aldeia vão chegando, bem como não-indígenas que acreditam na força dos Encantados.

Inicialmente, todos na cabana são incensados por Dona Maria Muniz, enquanto Dona Mocinha acende as velas e prepara as folhas para o benzimento das pessoas. Logo após o cacique Nailton como o incensamento, todos recebem algum tipo de doce (bala, chocolate, pirulito). Em seguida, inicia-se os benditos e orações aos encantados, dando continuidade ao ritual sagrado.

Começa então o com o Toré, em patxohã,<sup>8</sup> este que pelo que foi afirma a liderança da localidade, era entoado pelos anciões quando foram expulsos de suas terras, a então morada do povo Pataxó Hãhãhai, transmitido aos mais novos que as belezas e as riquezas da sua terra mãe:

Kanã pataxí petôy baixú'txê, Arnã pokaiaré  
Arnã petôy puhuy Arnã petôy akuã  
Arnã petôy sarã dxahá txô biraré.  
Kahábitxe siratã Kahábitxe siratã  
Kahábitxe siratã dxahá uype apoyope hayõ

Na tradução para o português:

Na minha aldeia tem, Beleza sem plantar, Eu tenho o arco,  
Eu tenho a flecha, Tenho raiz para curar.  
Viva Jesus, Viva Jesus,  
Viva Jesus, que nos veio trazer a luz!

Esse Toré ocorre em todas as celebrações e rituais dentro do território da aldeia, representando uma oração que revive as memórias dos anciões que foram expulsos de suas terras pelos fazendeiros. Descreve a antiga prosperidade da aldeia, com sua riqueza em matas, plantas medicinais e alimentos caçados com arcos e flechas, antes de serem deslocados para o território atual. Os anciões compartilham essas histórias para preservar a memória e transmitir aos mais jovens a importância de lutar pelo retorno às suas terras. Outro Toré se inicia logo após a oração :

Dá licença,  
Dá licença,

---

<sup>8</sup> A língua patxohã, é uma língua indígena pertencente à família linguística Macro-Jê e é falada pelo povo pataxó. Por muito tempo, acreditava-se que a língua do povo pataxó teria sido extinta por conta da grande pressão do SPI e o processo de aculturação junto ao “não-indígena”. No entanto, em 1938, após a passagem do etnógrafo Cut Nimuendaju a TI caramuru Catarina Paraguassú, este, encontrou dezesseis pataxós falantes da língua patxohã e que não se comunicava em português (Bomfim, 2017).

Nós brincar nos terreiros dos praia.  
Aonde canta o cacique, o pajé e o capitão

Dá licença, Dá licença,  
Nós cantar nos terreiros dos praia  
Aonde canta o cacique, o pajé e o capitão  
Dandaruê, Dandaruê hê hê a hê ê Hê a hê hê a ê ô hê a há

Durante todo o ritual são entoadas as músicas de chamado os encantados ao mesmo tempo em que mantem a sintonia espiritual de todos os presentes:

Botei meu ouvido no chão, Para escutar os balanços da aldeia,  
Sou eu, sou eu, Sultão  
Sultão das matas está em nossa aldeia, Sou eu, sou eu Sultão  
Sultão das matas está em nossa aldeia.

Segundo Dona Maria Muniz, em seu livro, *A escola da Reconquista*, o Toré a seguir é cantado nas horas do ritual, para que todos possam se sentir fortalecidos com os ditos:

Terra meu corpo,  
Terra meu corpo,  
Água meu sangue,  
Água meu sangue  
Ar meu sopro,  
Ar meu sopro,  
E fogo meu Espírito,  
E fogo meu Espírito.

Em seguida tempos um outro Toré, entoado com muita força, e muitas vozes, principalmente por Piu, Inaiane e Willians:

Você não sabe a força que minha aldeia tem Você não sabe a força que minha aldeia  
tem Tem a força de Guiné  
Tem o fumo no rapé  
Você não sabe a força que minha aldeia tem Tem o índio guerreiro pintado de urucum  
Ele é o filho da aldeia do caramuru  
Ele é o caçador  
Me chama pra mata eu vou  
Você não sabe a força que a minha aldeia tem  
Você não sabe a força que minha aldeia tem Tem a força de Guiné  
Tem o fumo no rapé  
Você não sabe a força que minha aldeia tem Tem o banho de ervas feito pra curar Tem  
o incenso de amescla de jatobá  
Tem o nosso ritual, que é pra espantar o mal Você não sabe a força que minha aldeia



tem Você não sabe a força que minha aldeia tem Tem a força de Guiné  
Tem o fumo no rapé  
Você não sabe a força que minha aldeia tem Você não sabe a força que minha aldeia  
tem Vejo na mata virgem um guerreiro sentado Protegendo a aldeia ele é o Encantado  
Veio na Lua Cheia, pra clarear nossa aldeia Você não sabe a força que minha aldeia  
tem Você não sabe a força que minha aldeia tem Tem a força de Guiné  
Tem o fumo no rapé  
Você não sabe a força que minha aldeia tem

Este Toré é entoado como uma grande energia que podemos sentir na pele, conta sobre a força que rege toda a aldeia e os “guerreiros” que ali vivem. Fala sobre a importância de se manter o ritual para espantar o mal, a importância dos rituais da lua, o força do rapé e dos Encantados e também sobre a intervenção ritualística de outros povos junto ao povo indígena.

E logo percebemos a chegada dos encantados. Na maioria das vezes em que pude estar presente no no Ritual da Lua, as primeiras pessoas que receberam os Encantados foram Piu<sup>9</sup> (nora de Dona Mocinha) e Bida (filha de Dona Mocinha). Também recebem os Encantados Inaianne (prima de Piu, vinda da aldeia de Barra Velha) e a própria Dona Mocinha. Os Encantados que chegam (incorporam) com Piu, são de falas fortes e alta, geralmente eles chamam dona Mocinha para fazer pedidos e informar algumas necessidades. Durante a passagem dos Encantados acontecem a limpeza de pessoas com folhas e água e alfazema, defumação com incenso individualmente. Alguns dos Encantados fazem uso de cachaça e cachimbo.

Para finalizar, acontece a despedida dos Encantados com o Toré de despedida e todos retornam a suas casas.

Em entrevista, Dona Mocinha afirma que:

O Ritual da Lua começou em 25 de maio de 2014. Os Encantados pediram. A gente fizemos a cabana já nessa intenção aí cresceu o ritual, né? Permanece o ritual durante vida nois tivesse. Aí nois fizemos a cabana, aí um dia e chamei Nailton e falei: vamos fazer um ritual? Aí ele falou, vamo. Eu fize a preparação das coisas de barro e aí a gente levou para cabaninha pequena de cá e lá no primeiro dia desceu a Jurema.<sup>10</sup> Aí desceu a Jurema e pediu para nois continuasse, não parasse a casa, continuasse o movimento do ritual na casa. Aí começamos o ritual de hoje, de toda sexta-feira, passou a festa (o Encontro de Pajé), mas nois continuou no ritual e aí depois disso começou o encontro de pajé todo ano em maio. Esse ano mesmo vai ser no final do ano, em dezembro, lá na aldeia Água Boa Novas Raizes, vai ser lá. O Ritual da Lua é onde nois busca mais fortalecimento, espiritual, fortalecimento na alimentação, fortalecimento no tempo da chuva.

<sup>9</sup> Piu é indígena da etnia pataxó de Barra Velha, filha do cacique Suruí. Algumas pessoas dizem que os Encantados de Piu são muito fortes por conta da ancestralidade que ela carrega por ser “Pataxó pura” vinda da aldeia Mãe. Os Encantados que Piu incorpora são: O Gentil, O Sultão e a Jurema.

<sup>10</sup> Jurema, o encantado presente durante os rituais que acontecem na localidade da aldeia Baixa Alegre, como afirma dona Maria Muniz na entrevista acima.

Começa durante o dia a movimentação de raízes, de banhos, oração, as vez vem alguém antes para rezar, aí eu rezo e aquela pessoa já desce para o ritual já de corpo preparado. Durante a semana vai acontecendo banho, vai acontecendo oração, tem também uma religião que eu pratico do Maxacali, eu participei até os meus treze anos, então, eu não consegui esquecer, né? Aí é em segredo. A gente pega aquela pessoa que tá precisando de fazer aquela obrigação, leva para o conta sozinha e ela com a gente, e lá a gente faz o preparo do corpo dele. No dia de hoje eu sempre faço um peixe na bananeira, agora tá sendo mais difícil a gente fazer porque aqui o peixe tá escarço, mas no dia de hoje tem, né? é para os encantados. O ritual daqui veio também puxado pelo de Barra Velha, né? todo mundo sabe, né? a mesma tradição daqui é quase com mesma de lá, né? Mas lá eles faz o ritual da Lua Cheia e aqui nois pegou todas a Luas. Agora meu filho Willians tá fazendo o ritual da Lua Cheia como os povos de cada localidade, mas só na lua cheia, mas só la no caramuru ou onde o povo pedir para ir (Dona Mocinha, 2023).

De acordo com a entrevista de Dona Mocinha, embora não se trate de uma religião específica, pode-se perceber que a adesão de uma religião não é adotada, o que segundo Gomes 2014 afirma que “ a adesão a uma religião, pois a dimensão espiritual vai além de uma confissão religiosa, não depende de lugar, tempo ou código que o definam”(Gomes, 2014,p.109). Compreende-se então, que o conceito de religião e religiosidade é amplo e tem muito tem sido discutido em relação a estas questões. Entendo que são experiências inseparáveis e neste caso, agrego também o fator, espiritualidade quando falamos nos encantados.

Ainda reafirmando esta questão em relação aos encantados, Gomes reafirma que “ remetem a pessoa para a relação transcendental na busca de significados da vida. Cada uma dessas dimensões revela sua peculiaridade tendo em vista a experiência de casa indivíduo (Gomes, 2014 p. 109). Os encantados indígenas são considerados entidades espirituais que desempenham um papel central nas crenças desta comunidade indígena. Eles representam uma conexão sagrada com a natureza e são vistos como guardiões dos conhecimentos ancestrais e dos segredos da terra. A presença e a reverência aos encantados são fundamentais nas práticas religiosas e rituais, fundamental para a preservação da identidade cultural e a manutenção da harmonia com o ambiente natural.

Muitas das vezes o ritual segue noite a dentro sem que percebamos. Durante a observação ao Ritual da Lua (já estão em comum acordo com os organizadores) é possível perceber que os ritos religiosos e as memórias imbricadas a estes rituais, assim como, a noção deste ritual como prática cultural para parte do povo Pataxó Hãhãhã.

Dona Maria Muniz faz observações em relação aos Encantos e afirma o seguinte:

Essas memórias do Ritual para com o nosso povo, ela é uma memória muito forte, porque assim, quando a gente pratica, a gente utiliza, a gente recebe a ser espiritual divino muito forte, e as vezes a gente acha que não temos possibilidade de ter a orientação por esses seres espirituais, a nossa floresta, as nossas matas, o nosso Sol, a nossa Lua, as nossas estrelas e as nossa Mãe-

Terra, que ela vem nos dá essa força e esse equilíbrio para que possamos tá recebendo a transmissão de palavras de fortaleza da natureza para que a gente possa tá ali, agindo junto com a nossa comunidade, aquela voz que veio do Sol, da Lua, das estrelas, das águas, do fogo, né? Da Mãe-terra, das matas, dos pássaros, enfim, de toda a natureza, e a gente recebe as informações, né? Como a gente pode caminhar, com a gente pode seguir, como a gente pode fazer remédio para parente, como a gente pode fazer o banho para o parente, ou até mesmo sem ser parente, para um amigo que acha, que não ignora nosso trabalho, que acredita que o ser supremo da autorização para que a gente possa acreditar no que está aí no nosso universo e é muito forte essa coisa e nós respeitamos esse ser espiritual e com isso a gente tem várias conversas e várias respostas e várias decisões, a conexão do ser, da natureza e de todo o Universo, eles nos orienta que caminho a gente pode seguir (Dona Maria Muniz, 2022).

Na entrevista acima, dona Maria Muniz reafirma a importância dos rituais para o fortalecimento não só para o povo Pataxó Hãhãhã, mas também para todos os que acreditam nas divindades na natureza que fortalecem esta Terra.

A etnografia de rituais religiosos indígenas, como o Ritual da Lua, oferece uma oportunidade única de vivenciar a ritualística desta comunidade indígena. Por meio dessa abordagem etnográfica, é possível compreender a relação profunda entre os rituais, a natureza e a identidade cultural deste povo, destacando a importância dessas práticas como elementos centrais da vida social, espiritual e cultural de parte desta comunidade. Os rituais, como o da Lua, são expressões testemunhas que refletem as concepções dos ritos e a interação dos deste povo com o ambiente natural e espiritual.

## Encontro de Pajés

*"[...] O passado jamais se constituiria se ele não coexistisse com o presente do qual ele é o passado. O passado e o presente não designam dois momentos sucessivos, mas dois elementos que coexistem: um, que é o presente e que não para de passar; o outro, que é o passado e que não para de ser, mas pelo qual todos os presentes passam" (Deleuze, 1999, p. 45)*

Durante o período que compreende os anos de 2021 e 2022, pude acompanhar as edições IV e V do Encontro de Pajés, evento de rituais, reafirmação e legitimação cultural de parte do povo Pataxó Hãhãhã. Este evento acontece anualmente e teve sua primeira edição entre os dias 25 a 27 de maio de 2017 nesta mesma localidade.

O primeiro encontro que pude estar presente foi o IV Encontro de Pajés, ocorreu entre os dias 09 a 12 de outubro de 2021, (devido à pandemia, tendo em vista que a data oficial para a realização deste evento é sempre no a partir do dia 25 de maio) na aldeia Baixa Alegre, organizado pela família Muniz. Tem como principais responsáveis o Cacique Nailton, sua esposa Mocinha e sua irmã Maria Muniz/ou Maya, ambos pertencentes aos grupos tupinambá e kiriri-sapuiá, que fazem parte de um conjunto maior, intitulado "Pataxó Hãhãhã", que compartilham o território indígena caramuru Catarina Paraguaçu, em Pau Brasil (BA). Neste evento estiveram presentes lideranças indígenas locais, e membros da comunidade (anciões, jovens e crianças), pesquisadores, pajés de outras localidades e regiões, a exemplo de Olivença, Barra Velha, Meio da Mata, Valença, integrantes do povo maxacali, pankararu e também representantes da comunidade quilombola e Movimento Sem Terra de Arataca (Assentamento Terra Vista), Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e teve também o apoio da Teia dos Povos, que agregaram pessoas do Baixo Sul da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Chapada Diamantina e São Paulo.

Para tanto, os organizadores contam com a comunidade local e lideranças políticas que apoiam a continuidade dos rituais sagrados indígenas, assim como a retroalimentação das práticas e costumes, que constituem o patrimônio das comunidades tradicionais no Brasil. Este encontro acontece em meio a uma conjuntura nacional de desmanche e negação cultural do patrimônio.

Nesta imagem estão os principais organizadores do Encontro, Dona Maria Muniz, Dona Mocinha, o cacique Nailton Muniz e a moça de camiseta azul a pajé Rita Muniz.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

O IV Encontro de Pajés deste ano (2021), teve como tema a busca do fortalecimento do sentimento de pertencimento cultural indígena, assim como a religiosidade e o patrimônio como principal vínculo entre os encantados e a ancestralidade nas comunidades acima citadas e do povo Pataxó Hãhãhã.

O evento iniciou-se com uma longa intervenção do cacique e algumas lideranças como introdução para que as pessoas entendam a história de luta da comunidade e a organização das identidades que prevalecem no território nos dias atuais.

“O passado jamais se constituiria se ele não coexistisse com o presente, do qual ele é o passado. O passado e o presente não designam dois momentos sucessivos, mas dois elementos que coexistem: um, que é o presente e que não pára de passar; o outro, que é o passado e que não para de ser, mas pelo qual todos os presentes passam” (Deleuze, 1999, p. 45). Durante esse momento foi possível observar as expressões de cada indivíduo ao escutar as histórias de seu povo, e ao lembrar seus parentes como parte integrante de sua história e o quanto isso impactou em suas vidas. Muitos deixaram transparecer a emoção e o sentimento após cada palavra escutada.

A discussão sobre os elementos constitutivos da memória, sejam eles individuais ou coletivos, é pertinente. Vera Dodebei, em seu texto *Tempos Memórias e Patrimoniais: notas de pesquisa sobre a memória e informação*, aborda os conceitos de “Meios e lugares de memórias”, sustentado por Pierre Nora e Walter Benjamin. Dodebei entende

a memória como algo do passado nostálgico que é compreendido no contemporâneo, sendo o tempo presente uma ponte entre o passado e o futuro (Dodebei, 2015, p. 52).

Após o momento de invocação e transmissão da memória individual e coletiva ao público indígena e não-indígena que participa do evento acontece, sendo essas memórias transmitidas pelo Cacique Nailton, que conta a sua trajetória como liderança e como foi o período e os processos das remadas, Dona Maria faz a entrega de doces e em seguida, a mesma, invoca o Divino a partir do bendito o que conhecemos como orações estabelecendo o chamado para o ritual, logo depois o cacique Nailton passa por todos os participantes do evento incensando cada um. Após esse momento, acontecem os rituais do Toré, onde são entoados cantos e rezas aos encantados. O cacique Nailton entoa então o Toré inicial na língua patxohã e em seguida em português, que segundo ele era algo retratado por sua mãe e revelava como eram as terras as quais sua família fora expulsa por fazendeiros.

Momento em que o Cacique Nailton incensa todos os participantes.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

Logo em seguida é entoado Toré de chamado para as retomadas e contando a sua trajetória do cacique Nailton em busca dos parentes que viviam em terras longínquas, os parentes que foram expulsos e tiverem que ir em busca de novos horizontes para o sustento de familiares:

Oi sete anos eu andei pelo mundo  
E outros sete eu andei pelo mar  
Procurando o meu Jeremê  
A rainha do meu Juremá  
A rainha de opinião  
Vem com sua coroa de ouro  
E a sua espada na mão  
Vem com sua coroa de ouro  
E a sua espada na mão.

E antes do início da pajelança foi entoado por todos, um Toré de respeito e exaltação a natureza e aos encantados em sua forma natural.

Eu sou índio guerreiro,  
Que venho da mata a caçar,  
Quando eu chego nesse pé de serra,  
Eu vejo as araras voar.

Olho o canto das araras,  
É um conto de muita beleza,  
Eu não posso destruir,  
As coisas da nossa natureza.

Momento do grande Toré.



Fonte: Brisa Pires, 2021.

Esses cantos são histórias cantadas que relatam momentos vividos pela comunidade, ou de exaltação aos encantados, o que deixa nítido o elo entre ancestralidade e os encantados que os protegem e guiam em todos os momentos.

Após esse momento acontece o benzimento de todos que estão no encontro e em seguida as manifestações dos encantados e a pajelança. O evento é finalizado ao som de muito Toré e reisado.<sup>11</sup>

#### Finalizando o Encontro de Pajé com o Reisado



Fonte: Brisa Pires, 2021.

Concomitante a isso, na área de cima onde fica a casa, um grupo de pessoas da comunidade e alguns voluntários preparam as refeições, outros fazem a limpeza da casa e dos banheiros e por vezes um caminhão-pipa chega trazendo água para o abastecimento de todos durante o evento. As pessoas ficam espalhadas ao redor da casa, na varanda não celeiro e em todas as áreas cobertas com cabanas, redes, barracas, colchonetes e esteiras.

Para que o evento aconteça os organizadores algumas vezes contam também com o auxílio de editais e doações, uma vez que não cobram taxa de participação das pessoas que os visitam.

É importante frisar que durante o Encontro de Pajé e os Rituais da Lua, a todo o momento são utilizadas ervas e plantas medicinais indicadas pelos encantados para que

---

<sup>11</sup> Reisado como criadores de saberes e transmissores desses conhecimentos que (re)cria e forma identidades. O ensino e aprendizagem nos períodos dos cortejos são memorizados e desenvolvem valores que possibilitam afirmação de diferenças e alteridade dentro da festividade pelos dois grupos que realizam a manifestação cultural de forma independente, negociando e mantendo suas expressões na sociedade moderna. [...] E ressaltamos que o culto a São Sebastião é comum nos atuais: sul e extremo Sul da Bahia. Oliveira e Trigo (2017) nos mostra a Festa da Puxada de Mastro de Olivença em Ilhéus, Sul da Bahia, como uma marca identitária dos indígenas (Castro, 2020).



possam estar melhor sintonizados como o local e seja possível a limpeza do ambiente através da própria natureza, são utilizados velas e incensos para benzer e purificar toda a cabana onde acontecem esses rituais. Este ano de 2021, em específico o IV Encontro de Pajé, foi finalizado com o almoço de Cosme e Damião, por conta da pandemia e a proximidade da realização do encontro em data diferente a que acontece normalmente (em maio), assim, as entregas dos pratos não aconteceram no dia 27 de setembro como acontece anualmente.

### Preparação para o início do IV Encontro de Pajé



Fonte: Brisa Pires, 2021.

#### Em entrevista Dona Mocinha diz:

O Encontro de Pajés é pra mim é muito importante, porque a gente, vem vários pajés de outras aldeia; a gente conhece outros parentes de outras etnia que não conhecia; a gente passa a conhecer nesses momentos, né? Então é um momento de alegria, que nós se encontra com várias aldeias e de fortalecimento na aldeia, né?

Até com a pandemia todo ano teve, só não teve esse agora (2023), porque já eles pediram, os Maxacali que participaram no ano passado (2022) e pediram para a festa ser lá.

Todo ano o reisado participa com nois, quando a gente pede eles sempre vêm. As vez tem ritual da sananga, da ayahuasca, amescla, cauim.<sup>12</sup> Essas coisas tem

<sup>12</sup> O cauim é uma bebida de fermentação natural fabricada na aldeia antes do evento. Modo de fazer, segundo dona Mocinha: “O Cauim, a gente pega a mandioca; ranca a mandioca; aí a gente rapa ela; aí rela ela; aí a gente coloca um pouco da agua dela mesma, né? Aí leva para um saco; espreme ela numa prensa; aí tira aquele caldo; aí você pega o mel da cana, o mel mesmo da cana; aí joga dentro, se aprepara ela; lacra ela e deixa por sete ou dez dias, enterrado com um bote de tampa, que é para ela pegar fermentação.

que ter né? sempre a gente faz (Dona Mocinha, 2023).

Durante a entrevista com Dona Mocinha, pude perceber o quão valoroso e satisfatório é realizar este encontro, que é também um espaço político, onde acontece discursões sobre a realidade das aldeias do indígenas que vem para participar do evento, muitas das vezes estão presentes também pai e/ou mães de santos que também falam sobre a sua realidade e resistência principalmente em áreas quilombolas. Dona Mocinha fala sobre uma edição do encontro acontecendo nas terras dos povos Maxacali, o que é algo de muita importância, afinal, é um povo que poucos falam o português e perceberam o fortalecimento que este tipo de encontro traz a terra do Caramuru.

Em entrevista com Dona Maura, ela fala um pouco sobre o evento e sua importância para a comunidade:

Olha, o Encontro de Pajé eu acho muito importante, porque nossa aldeia é varias etnias, muitos já estão “civilizados” não quer mais ligar para isso, e isso é bom para ativar os jovens, mesmo as mães de família que já esta desligada dessas coisas é bom, porque ali, cada um dia a gente aprende uma coisa diferente, a gente vê o samba, os cânticos, a oração, o modo de labutar com a natureza, o fogo, o encontro, porque ali vai todo mundo e se encontra né? fortalece um, fortalece o outro é como se fosse uma corrente, imenda os gomos oh! Fica tudo ali junto e sai dali forte, né? Porque vem os Encantados, a gente já vê! Quem não tem conhecimento mais pelo menos vê que existe e aqueles Encantados pega ali dentro daquele salão que não é brincadeira! Não é mentira, é coisa de verdade, né? Eu gosto, eu achei muito importante essa atitude deles, fazer esse ritual de pajé e quem sabe ali dentro um dia sai um pajé, né? E o povo que vem, da mais força ainda  
(Dona Maura Titiáh, 2023. Entrevista.).

Durante a entrevista, dona Maura demonstra que é de grande relevância este acontecimento, principalmente para o fortalecimento do território e também das pessoas que ali estão. Podemos perceber a preocupação que dali também possam surgir outros pajés, a importância da continuidade.

O Encontro de Pajés, visto por meio da perspectiva etnográfica, revela-se como uma manifestação viva e dinâmica da religiosidade de diferentes povos indígenas que participam desses encontros. A etnografia em aqui descrita proporciona uma breve compreensão das práticas religiosas o povo Pataxó Hãhãhã, revelando sua relação intrínseca com o patrimônio cultural e espiritual, material e imaterial das comunidades. Essa abordagem etnográfica contribui para o reconhecimento da diversidade e da importância das tradições religiosas indígenas na construção de identidades coletivas e fortalecimento cultural.

O que de acordo com Candau afirma que a perda como uma certeza inexorável na vida do ser humano, a ponto de perder-se a si mesmo. Entretanto, face a este

inescapável fenômeno, o sujeito busca algum suporte na memória e na identidade, a fim de evitar a ruína completa de suas heranças, sobretudo as do passado: “Queremos tudo abraçar de nosso passado e sem dúvida prestamos mais atenção do que antes ao que já foi perdido.” (Candau, 2011 p. 189).

O Ritual da Lua e o Encontro de Pájés são eventos de reafirmação e continuação de ritos religiosos de parte do povo Pataxó Hãhãhã, algo que podemos considerar também como afirma Parés em “A Formação do Candomblé, História e Ritual da nação jeje na Bahia”, o ritual constitui-se como ferramenta metódica e intencional da qual lança mão o sujeito para devassar o outro lado da vida — o espiritual. O ritual, por assim dizer, é uma espécie de *modus operandi* através do qual se atinge a finalidade precípua da religião que o abarca (Parés, 2018, p.104).

### Capítulo 3: A Tradição do Culto a São Sebastião e as Urnas Funerárias

Os festejos a São Sebastião, como uma festa religiosa tradicional, carregam consigo uma rica tapeçaria de identidade, história oral e memória. Essa celebração, disseminada por diversas regiões costeiras do Brasil em virtude de sua conexão com a proteção dos navegantes, transcende sua dimensão religiosa ao refletir uma essência de comunidades e povos que seguiram a devoção a este santo.

É fascinante notar como São Sebastião assume diferentes representações em consonância com as histórias orais transmitidas entre as comunidades. A figura do mártir cristão que desafiou as autoridades romanas ganha contornos de identificação local, se tornando Obaluayê e o caboclo tupinambá em certas matrizes religiosas. Essa assimilação demonstra a capacidade da cultura de se adaptar e moldar símbolos externos para incorporá-los à sua própria narrativa, destacando a flexibilidade e a resiliência da identidade cultural.

Chamado de Pai Velho, Nego Velho, Cavaleiro do Céu e Guerreiro Militar, São Sebastião, ou Rei Sebastião, é um soldado romano canonizado por sua devoção aos princípios cristãos. Sua festa é celebrada dia 20 de janeiro.

A festa em louvor a São Sebastião é uma das celebrações religiosas mais tradicionais no sul da Bahia. Em alguns locais, como Olivença, ocorre a puxada do mastro de São Sebastião, enquanto em outros lugares, a homenagem ao santo varia entre o final de dezembro, a segunda semana de janeiro ou mesmo a primeira semana de fevereiro, como acontece em Curumuxatiba e Prado, BA. A puxada do mastro tem suas raízes no culto trazido pelos colonizadores portugueses, conforme fontes históricas (Couto, 1994), tornando-se uma prática comum em todo o Brasil (Couto, 2008).

São Sebastião, mártir cristão que sofreu sob o imperador Diocleciano, entre o final do século III e o início do século IV, possui identidades diferentes. Nascido em Narbona, na Gália romana, tornou-se cidadão milanês e tribuno da corte pretoriana, a guarda pessoal dos imperadores. Suas hagiografias descrevem seu apostolado entre prisioneiros cristãos condenados à pena capital por recusarem a religião pagã romana. Após ser condenado à morte, São Sebastião foi alvejado por flechas e, embora ferido, sobreviveu. Mais tarde, estremeceu novo martírio no hipódromo do monte palatino e foi sepultado por cristãos na catacumba, onde estavam os restos dos apóstolos Pedro e Paulo.

Ao ser intitulado Defensor da Igreja pelo papado, devido à sua fé como militar cristão, São Sebastião também foi elevado ao posto de terceiro padroeiro de Roma por

Gregório Magno (590-604). Seu culto, estendendo-se por todo o Ocidente na "Idade Média", inicialmente baseou-se em sua fama, títulos e associação com a capital dos mártires. Posteriormente, devido a um culto específico que o venera como protetor contra a peste, São Sebastião continua a ser reverenciado.

Ele é um santo guerreiro, confiado com a proteção contra os inimigos de Cristo e considerado um modelo pelos jesuítas. São Sebastião é representado como guardião não apenas dos perigos seculares e físicos, mas também contra os perigos da heresia e da demonolatria, de acordo com a visão demonológica europeia adaptada ao contexto ameríndio (Cardoso, 2010, p. 2). O patrocínio do santo também contribuiu para a inclusão e participação dos indígenas na cívicas católica como um corpo místico-político.

A história oral desempenhando um papel vital na preservação dos significados e tradições dos festejos de São Sebastião. Gerações inspiraram histórias como a festa evoluiu ao longo do tempo, incorporando elementos religiosos e culturais. A memória coletiva, transmitida por meio de narrativas familiares e comunitárias, mantém viva a essência das celebrações, lembrando-nos das raízes históricas e das mudanças ao longo dos anos. É o que podemos perceber também na entrevista como seu Aniraldo:

O véi Desiderio, Samado, Pedro Rocha, Euzébio, Juvenal, Maria Kariri, minha mãe, pediram esse santo para padroeiro daqui, né? E aí, hoje essa animação que tem aqui do samba de couro, isto vem de Pedra Branca. Porque vem de Pedra Branca? Umdero, Mussulino, Pedro Rocha, Euzébio, Samado, tudo de Pedra Branca. Então, em 82 quando a gente entrou aqui, a gente começou a brincar o samba aqui, né? Aí, quando esses chegarem aqui em 82, Samado, véi Catula pai de Bite, mamãe Maria Kariri, Dionísio, o Dionísio era pequeninim, rezava, também a gente rezava, cada um tinha uma promessa com um santo, Samado com Santo Antônio, né? O véi Catula com São Roque ou melhor, Bom Jesus, e mamãe com São Roque, Nossa Senhora D'Ajuda, vovô Agostinho que eu não conheci festejava São Miguel (Aniraldo, 2023).

Em entrevista com alguns indivíduos da TI, pude perceber o quando essas memórias estão imbricadas as suas vivencias em comunidade, Aniraldo um ancião começou me contando sobre como foi a escolha do São Sebastião como santo padroeiro do povo Pataxó Hãhãhã.

Os meus pais me ensinou a religião do mato e os brancos e ensinaram a católica, né?  
Eu aprendi a rezar com os católicos e aprendi algumas coisas com os indígenas, é uma mistura aí, e de tudo eu sei um pouquinho; eu danço o Toré; eu brinco o Reis, eu sei cantar o Reis. ”  
Quando eu era criança, a vivencia que eu acho mais importante é que a gente pescava, ascendia o fogo no meio da casa, comia peixe assado, a gente, meus pais, minha irmã no dia de Lua bonita a gente cantava no terreiro e catava fruta (Dona Maura, 2023).

Em entrevista com Maura Rosa Vieira Titiáh (Dona Maura) da etnia Baenã e que se identifica com católica ritualista indígena, ela me explica com profundidade como aconteceu na época da inauguração da igreja e a escolha do santo padroeiro.

Após esse esclarecimento Dona Maura fala sobre o São Sebastião:

Através de nois ser as religiões misturada, os mais velhos, os Sapuyá; eles gostam muito de Reis, do samba; eles gostam muito de ter os santos preferidos deles, né? De fazer devoção. Quando nois chegamos pra lá, como foi retomando, que não tinha canto, nois fazia a devoção era no curral dos fazendeiro que eles largou, né? Era um curralzão. Aí as missas era o samba; era os Toré e tudo, e quando pensava que não, comecemos a fazer reunião. Aí mais não, nois temos que fazer um canto só para a missa; fazer até um santo para gente. Aí fomo olhado com o CIMI e tudo. Aí teve uns índios mais velhos, eles falou: “Não, gente, o São Sebastião morreu por uma causa, igual índio, foi flechado e tudo. Ele foi muito resistente”. Aí contaram a história de São Sebastião. Aí começou, uns falava Nossa Senhora Aparecida, outros falava sei o quê. Aí teve dois índios velhos que falou: “Bota São Sebastião, que é um guerreiro. Nós tamo na luta e eles tem oração de São Sebastião, né?”. Aí nois aceitamos, todo mundo, a comunidade. Aí comecemos a celebrar no curral, depois o CIMI, junto com os padre: “Vamos fazer uma capela”. Aí sentemos, nesse tempo o cacique era um cacique chamado João Cravinho; aí João Cravinho disse: “A gente vamos fazer redondo que nem a cabana do nosso povo”, sempre os índios gosta de coisa redonda. Aí fizeram. Quando foi para botar o santo, “Vai ser São Sebastião mesmo, como é que faz?”

Aí, o padre Pedro era de Camacã, veio no dia da inauguração da igreja, né? Aí trouxe um São Sebastião de madeira que tá lá até hoje. Aquele santo veio visitar para voltar. Aí eu mais Inês seguremos, repara.

Como tinha eu, Inês, Judite, essas mulher que sempre era “Vamos fazer uma landainha”; nois tava junto, “Vamos fazer um Toré”; nois tava junto, né? Aí, foi João Cravinho, mas na época esse disse: “Não, Dona Maura, aí; Dona Inês, essas mulher que sempre é da oração, elas toma conta da igreja”. Aí, nois fiquemos. Aí quando chegou nesse dia de São Sebastião, que inaugurou a igreja, o padre veio com o São Sebastião, veio um bucado de gente da cidade. Nois fizemos aquele Toré. Acompanhemos o santo até a igreja, o São Sabastião botou lá no dia. Quando na hora, o padre virou pra gente e falou: “Não, o São Sebastião só veio visitar para vocês inaugurar a igreja”. Aí eu fui e falei: “Padre, depois o São Sebastião vai; ele vai ficar aqui na igreja”. Aí, nois fiquemos. Aí eu falava: “Inês, esse santo não vai voltar mais não; nois vamos ficar com ele”. E ele: “Não, Dona Maura...”, não sei o que... “é da comunidade”. Eu digo: “Não, lá vocês pode pegar uma imagem grande; pode mandar fazer outra e nois aqui não tem, não. Tem que dá pra nois. Dois não tem dinheiro para comprar e vai ficar essa mesmo. Eu gostei tanto dele!”. Aí ele falou: “É, eu vou conversar com a comunidade”. De primeiro ele vinha; aí depois não vem mais. Aí quem tomou conta foi o padre Osmario que vinha; depois padre Pedro, todo mundo depois foi o padre Amauri. Ele falou: “Foi o melhor negócio que vocês fez, foi esse padrinho”. Aí a gente: “Oh, padre a gente quer fazer uma procissão” que lá em Itajú a gente viu muito a procissão. Aí ele disse: “Vamos fazer um andozinho para Dona Maura”. Aí eles trouxeram um andozinho. A gente amarrava São Sebastião pelo meio, carregava. Aí nois andava com o andozinho ali pero a sede; voltava cantando nossos cânticos, mas a abertura era com o Toré, e no dia de São Sebastião era uma Torezão falado, e aí até os velhos dança Toré; o maracá panhava quente o dia todo. Nois começava cedo (Dona Maura, 2023).

A devoção a São Sebastião não é apenas uma manifestação religiosa; é um testemunho vivo da identidade dessa comunidade. Neste contexto, a história oral

desempenha um papel fundamental, transmitindo de geração a geração as narrativas sobre a origem e a importância destes festejos. Através de relatos, canções e rituais transmitidos verbalmente, a memória coletiva é preservada, reforçando o senso de pertencimento e perpetuando os valores culturais.

Seu culto não apenas homenageia um santo, mas também atua como um modelo de coragem e perseverança, dialogando com as práticas do povo Pataxó Hãhãhã durante anos de luta pela terra e a continuidade da sua cultura e inspirando os fiéis a enfrentar desafios. Uma das cantigas iniciais aos festejos a São Sebastião é exatamente um clamor ao momento em que vivem na época das retomadas:

São Sebastião vem cá vem vê!  
São Sebastião vem cá vem vê!  
Vem ver nossa batalha que nois vai vencer  
Vem ver nossa batalha que nois vai vencer  
São Sebastião vem cá vem vê!  
São Sebastião vem cá vem vê!  
Vem ver nossa batalha que nois vai vencer  
Vem ver nossa batalha que nois vai vencer

E logo após temos a canção que acontece em todos os festejos a São Sebastião que eu pude participar nas igrejas católicas:

São Sebastião  
Salve o nosso Santo Padroeiro Foi soldado e foi guerreiro  
Mas lutou só pelo bem.  
São Sebastião lutou no exército de Deus também, e não bastou.  
Não, não, não, não, não! Uma flecha  
não bastou para calar a sua voz.  
São Sebastião! São Sebastião, rogai por todos nós!  
Salve o nosso Santo preferido São Sebastião querido Mora em nosso coração  
Força, fé e amor e a esperança em Cristo Redentor. E não bastou.  
Não, não, não, não, não! Uma flecha não bastou para calar a sua voz.  
São Sebastião! São Sebastião, rogai por todos nós! (2x)  
Salve o nosso Santo Glorioso  
Santo humilde e poderoso Vence a morte pelo amor, e pelo amor.  
São Sebastião, morrer por Cristo é ser vencedor. E não bastou.  
Não, não, não, não, não! Uma flecha não bastou para calar a sua voz.  
São Sebastião! São Sebastião, rogai por todos nós! (2x)  
E não bastou.  
Não, não, não, não, não! Uma flecha não bastou para calar a sua voz.  
São Sebastião! São Sebastião, rogai por todos nós! (2x)  
(Padre Joãozinho)

A devoção a São Sebastião não é apenas um ato religioso, mas também uma

profunda expressão de identidade. Ele é celebrado não apenas por sua fidelidade aos princípios cristãos, mas também por sua relação com a proteção contra perigos físicos e espirituais. Essa crença fortalece a identidade das comunidades que o veneram, unindo-as por meio de tradições compartilhadas e memórias coletivas que é algo que podemos notar nas entrevistas com Dona Judite e Seu Ló:

O povo falava que tinha que fazer uma igreja católica aqui dentro da nossa aldeia e tinha que procurar o padroeiro. Teve várias reunião com os mais velhos, os mais idosos para saber da opinião, aí todos mundo aprovou, o porquê do São Sebastião tinha uma história quase que igual à da gente, era um santo guerreiro e nois estava em luta. Sou devota de São Sebastião, foi meu pai que escolheu para botar lá, né? Só que ele não assistiu nenhum Reis, ele morreu logo. Uns quatro mês enates ele morreu. Meu pai era uma pessoa de muita fé, né? Não tinha esse dia que chegava seis horas e ele não tava como joelho no chão. Toda vida eu tive meu altazinho, Santo Antônio, Nossa Senhora aparecida, meu oratorizinho. Eu rezo o terço, eu rezo a misericórdia todos os dias. Aí Quando Zé tava adoentado eu rezei um ano e sete meses o terço da misericórdia para ele (Dona Judite, 2023).

Nosso povo falou que tinha que ser o São Sebastião porque ele foi santo guerreiro que defendeu o povo do passado, então trazia pra cá reforço a nossa fé e nosso poder de resolver os problemas e a aí toda vez que nois ia fazer retomada nois tinham que ir lá, muitas vez nois saia de lá da igreja (Seu Ló, 2023).

É interessante notar uma reflexão significativa nas palavras de Dona Judite Jesus Santos, filha de Desiderio, e Jovelina, da etnia Kiriri Sapuyá. Seu irmão, Senhorio José dos Santos, também conhecido como Seu Ló, ecoa essa mesma visão, expressando sua fé em Deus e nas preces transmitidas por seu pai. Em suas narrativas, a devoção ao santo padroeiro é retratada com uma simplicidade tocante.

Geralmente festejado pelos povos tupinambá, o São Sebastião tornou-se padroeiro do TI caramuru, onde mesmo os que se atribuem evangélicos têm um apresso ao santo católico e o festeja junto aos demais. O que, de acordo com Hugo Prudente, em seus estudos, nos mostra uma passagem da fé e devoção de Dona Lucília Muniz (mãe do cacique Nailton e Dona Maria e demais irmãos da Muniz):

Lucília Muniz morreu muito cedo, com menos de sessenta anos de idade. Ela foi uma personagem importante no retorno para o caramuru e nos primeiros anos da nova ocupação. Seus filhos sempre lembram que ela era rigorosa em exigir que a família se reunisse sempre para rezar em certos dias da semana. Era devota de São Sebastião, santo que seria escolhido padroeiro da aldeia quando voltaram para o caramuru. É lembrada por todos como conhecedora de orações e remédios, e este conhecimento fazia dela e de sua casa uma referência para todos os índios quando se viam em situação de perigo. No fatídico dia de 1986 em que duas casas do caramuru (a casa de Moura e a chamada "sede"), abrigando importantes lideranças pataxó Hã hã hãe, foram alvo de tocaia e tiros por toda a noite, muitos indígenas buscaram refúgio na casa de Lucília, um pouco mais abaixo, perto do rio Salgado, e que tinha à frente, naqueles dias, o mastro de São Sebastião. "A casa de mamãe encheu de gente", lembra Helena, explicando que todos confiavam em Lucília e em sua devoção: "São Sebastião é



vencedor de guerra, abaixo de Deus foi o que salvou” (Pedreira, 2016).

Seguindo a entrevista realizada com Dona Maria Muniz, ela fala em relação ao São Sebastião:

São Sebastião, todo dia 20 de janeiro, é comemorado, né? Essa festa de São Sebastião, é aí aonde tem rituais, tem o reisado, né? Tem a missa do não-índio, que também hoje acontece dentro na nossa comunidade. Então é um trabalho, é assim, uma coisa muito rica dentro da nossa comunidade.

Aqui começa uma caminhada no dia primeiro de janeiro, andando de área em área, de aldeia em aldeia, fazendo aquele grupo de reisado, fazendo as visitas em cada comunidade, aí aonde anoitece dorme, no dia seguinte já vai para outra comunidade, e isso vai até o dia 16 de janeiro, a caminhada nas retomadas, nas casas, nas aldeias. Quando é no dia 20, todas essa comunidade que eles visitaram, são convidadas para ir fazer o festejo em um só local. Esse ano não teve a caminhada, só teve a missa no dia 20 e ainda muita gente adoeceu,<sup>13</sup> mas é muito importante para a nossa comunidade (Dona Maria Muniz, 2022).

Considerando que as festas de São Sebastião são intrinsecamente ligadas à devoção católica, decidi conduzir esta entrevista com uma perspectiva peculiar. Entrevistei a cacica Ilsa da Silva, uma declarada evangélica, e seu marido, Osmar<sup>14</sup> da Silva, também conhecido como Masão, um católico praticante. Esta abordagem multifacetada permite explorar diferentes pontos de vista sobre o tema. Começamos com a cacica Ilsa, que compartilha:

Todo ano que a caminhada passa na minha casa, eu nunca fechei as portas, até porque é um trabalho da comunidade, e já em muitas vezes. E assim, tem anos que eu não participava lá na igreja, porque muitas vezes eu estava com problemas de saúde, mas já participei e não vejo porque não participar, porque é uma coisa da minha comunidade, né? Independe a minha religião ou não é da minha comunidade e antes de eu ser evangélica eu já participava, acompanhava o reisado e quando chega na minha casa, tá Sebastiana ali, o que eu tenho, eu dou também para compartilhar junto com eles na festa e para é um trabalho da comunidade (Cacica Ilsa, 2022).

Seu esposo Masão, que se declara católico, inicia sua entrevista com uma grande satisfação ao falar de seu santo padroeiro:

Eu adoro o São Sebastião, porque, aqui começa do dia três de janeiro, dia quatro, até dia cinco começa, aí vai até o dia vinte. Dia 20 é o dia da festa maior, né? E aí, se encontra, porque aí o São Sebastião vai passando por todas as casas, né?

---

<sup>13</sup> Nesse ano de 2022, além do momento de pandemia do covid-19, a região foi afetada por uma forte gripe a H<sup>2</sup>N<sup>3</sup>. Em meio aos festejos de São Sebastião, muitos foram acometidos pela covid e também por essa gripe.

<sup>14</sup> Osmar Júlio da Silva/Aruanã/Masão como é conhecido, nasceu em 02 de novembro de 1961, faz parte da família étnica kamakã, identifica-se religiosamente como católico. Estudou até a sexta série do ensino fundamental, esposo da cacica Ilsa, atualmente reside na aldeia Milagrosa. É uma liderança muito conhecida na comunidade Pataxó Hãhãhã , foi cacique por dois anos e participou ativamente em retomadas dentro e fora do TI caramuru.

Dali a um cansaço, mas, os encantados nossa, o nosso povo são muito forte e São Sebastião também da força, pelo menos assegura desse povo fazer essas caminhadas todas, nossa aldeia, até chegar o dia vinte para a comemoração maior e ele deu muita força na nossa luta também (Masão, 2022).

Mais uma evidencia-se a persistência da liderança da cacica Ilsa na valorização e importância de manter e participar nas celebrações e rituais indígenas dentro de seu território. Apesar de se autodeclarar evangélica, a líder engaja-se ativamente nos festejos, rituais e Toré ao lado de sua comunidade, demonstrando seu comprometimento com a coletividade.

É notável constatar que, além das diferenças religiosas individuais, o povo Pataxó Hãhãhã compartilha uma fé na proteção de São Sebastião, que transcende suas crenças particulares. Esse sentimento de pertencimento é reinterpretado e fortalecido dentro da comunidade. Essa ligação com o santo é transmitida de geração em geração por meio dos anciões, como é o caso de Dona Lucília, Desiderio, Samado, Dona Maria Kariri, Pedro Rocha, Euzébio, Juvenal e por outros membros que experimentaram a proteção do santo em momentos cruciais, como conflitos e retomadas territoriais. Esse vínculo é tão profundo que São Sebastião se tornou o padroeiro do povo Pataxó Hãhãhã , representando uma unidade espiritual que transcende a diferença e reforça a identidade coletiva.

O ano de 2022 se destacou por sua singularidade, não permitindo a tradicional caminhada de casa em casa, como nos anos anteriores por conta do covid-19. No entanto, o emblemático balaio de São Sebastião assumiu uma procissão até a casa do chefe de posto, Ninho, e sua esposa, Sebastiana. Neste local, bebidas e comidas foram generosamente oferecidas a todos os presentes, em um ambiente marcado pelo mastro de São Sebastião, que posteriormente foi transferido para a frente da igreja.

Após essa comovente ocasião, dirigimo-nos à escola, onde desfrutamos de um almoço comunitário. Durante o regresso, o espírito festivo baixou, e uma atmosfera de alegria tomou conta de todos enquanto o reisado ecoava.

No decorrer deste ano de 2023, tive a oportunidade de participar novamente dos Festejos de São Sebastião. Esta experiência se diferenciou da celebração do ano anterior, em 2022. A preparação para a festividade teve início em 6 de janeiro, conhecido como Dia de Reis. Nesse dia, dirigimo-nos à residência de Seu Caçula, que, neste ano, fez uma promessa em favor de sua saúde. Ele hospedou os reis em seu lar, seguindo os moldes tradicionais: preces, presenças dos Encantados, comidas e bebidas para todos. Uma parte dos foliões pernitoou em sua casa, enquanto outros voltaram para as suas

residências, e outro grupo seguiu para a próxima casa de promessa, a de Edinho, irmão de Ninho, chefe de posto da aldeia.

Nesse dia, além das preces e do samba de couro, os Encantados mais uma vez manifestaram-se, solicitando que a tradição dos Reis não fosse ignorada. Além disso, transmitiram mensagens particulares a algumas pessoas. No final da tarde, retornamos a caramuru e Pau Brasil.

Nos dias subsequentes, as atividades religiosas na igreja continuaram, com o novenário programado até o dia vinte. Os preparativos estavam em pleno andamento, motivadas por Dona Creusa e sua neta Rayele, juntamente com outras mulheres da comunidade.

Destaco a significativa contribuição de Daniela, Gildinai e Cauã, neste ano de 2023, que trouxeram um bolo e distribuíram santinhos de São Sebastião. No ano anterior, em 2022, consegui doações de novos trajetos para os integrantes do Terno de Reis, um gesto que impactou positivamente a comunidade.

Durante a celebração, os foliões desfrutaram de comida e bebida em abundância. A alegria alcançou um patamar ainda mais elevado com o início das atividades, reminiscentes dos primeiros anos do Reis. Este ano, tudo começou com um Toré imponente, liderado por Bida e Willians, ao som dos tambores e maracás. Essa cena me comoveu profundamente; a ausência de nosso amigo e companheiro Gerson foi fortemente sentida. A multidão presente, uma das maiores que já testemunhei nos anos anteriores, incluía tanto jovens quanto anciãos, irradiando felicidade e emoção.

Ao compreender o São Sebastião como uma representação viva de identidade, história oral e memória, podemos vislumbrar como essa festa religiosa tradicional transcende suas origens para se tornar uma expressão registrada das comunidades que a celebram como um patrimônio difundido, tal como esses indivíduos se referem como “a nossa cultura”. Essa celebração, permeada por histórias, símbolos e práticas, continua a ser uma ligação essencial entre o passado e o presente, preservando e enriquecendo o patrimônio cultural brasileiro.

Tal comemoração corresponde a uma demanda social do passado. A efervescência da expressão patrimônio como algo que significa que deve ser preservado e contínuo, valorizando aquelas pessoas/anciões que começaram as festejos e também o reizado. De acordo como Candau diz que: “Esse modo de pensamento se dedica a encontrar ou fabricar tudo o que pode ter função de traços, relíquias, vestígios ou arquivos, ou seja, tudo o que permite a um grupo narra-se de si próprio” (Candau, 2011

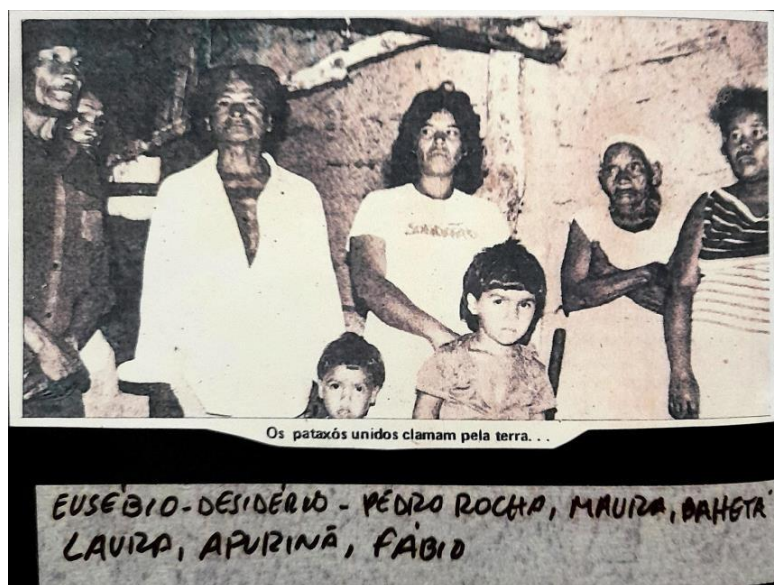
p. 159).

Seu Eusébio, Maria Kariri e Desiderio, integrantes da reunião para a escola do São Sebastião como padroeiro da TI.



Fonte: Dona Judite, s.d.

Na imagem podemos ver figura importante para o acontecimento dos festejos as São Sebastião e Reisado, de acordo com a entrevistas acima.



Fonte: Dona Judite, s.d.

Da esquerda para a direita, Dona Judite, Cacique Samado e Pedro Rocha.



Fonte: Dona Judite, s.d.

Organização da igreja para as missas e a chegada dos convidados.



Fonte: Brisa Pires, 2023.

Organização da Igreja para as missas e a chegada dos convidados.



Fonte: Brisa Pires, 2023.



Fonte: Brisa Pires, 2023.

O Reisado é um exemplo cativante da cultura popular brasileira, especialmente presente em áreas rurais. Essa manifestação folclórica combina música, dança e dramatização para histórias tradicionais, muitas vezes relacionadas ao nascimento de Jesus e à visita dos Três Reis Magos. O Reisado é um elo entre o passado e o presente, transmitindo narrativas, valores e formas de entretenimento ao longo das gerações. Ele demonstra como o patrimônio cultural é moldado e reimaginado pela criatividade das comunidades locais.

Os festejos do Reisado têm início durante o ciclo natalino, começando na noite de Natal e estendendo-se até o Dia de Reis, comemorado em 6 de janeiro conforme (Brandão, 2007). Em Portugal, as pessoas tradicionalmente "cantavam as janeiras", "entoavam canções de Reis" ou participavam das "reisadas", práticas que influenciaram o desenvolver das Folias de Reis no Brasil.

No contexto brasileiro, durante o século XVI, com a chegada dos jesuítas juntamente com o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, em 1549, as tradições católicas ibéricas foram trazidas para o Brasil. Os padres utilizavam essas tradições como parte da catequese e ensino aos indígenas, empregando elementos como canto, dança e representações cênicas. Conforme mencionado por Rios, "esses rituais da catequese indígena disseminaram-se entre os colonos portugueses, escravos africanos e uma diversidade de mestiços, acabando por ser incorporados às celebrações dos padroeiros (Rios, 2006, p. 67).

Dessa forma, o Reisado acontece em conjunto com as festividades de São Sebastião. De acordo com os membros da comunidade, a tradição do Reisado teve início no ano subsequente à instauração de São Sebastião como padroeiro da terra indígena e à inauguração da igreja.

Com base nas entrevistas realizadas, evidencia-se que o Reisado não teve sua origem ligada aos festejos de São Sebastião. Inicialmente, era uma prática que ocorria durante cultos religiosos e orações nas casas, principalmente entre os membros da etnia Kiriri Sapuyá, que migraram de Pedra Branca. Esses indivíduos já praticavam o Reisado, e na sequência acontecia o samba de couro. Dona Inês, esposa de Seu Ló, nasceu na localidade da Água Vermelha,

e posteriormente mudou-se para Mundo Novo. Católica e mãe de três filhas, ela, junto com Dona Maura e sua comadre Tico, deu início à tradição do Reisado durante os Festejos de São Sebastião.

Inicialmente, essa iniciativa tinha como objetivo realçar a data festiva. Hoje, tornou-

se um legado transformado da antiga prática do Samba de Couro, que costumava ocorrer em dias de orações nas casas, tradicionalmente entre o povo Kiriri Sapuyá, que trouxe essa tradição de Pedra Branca. Agora, essa prática é uma tradição intrinsecamente ligada ao culto de São Sebastião, como podemos observar nas entrevistas de dona Inês, dona Maura e dona Judite:

O reisado começou quando construiu aquela igreja, seu Dero [seu sogro] ainda era vivo. Já tinha construído a igreja. Aí quando acabou de construir a igreja, eu lembro disso, aí teve uma reunião dos índios véi, eu não tava na reunião, aí os véi de antigamente, todos eles lido [líder], aí para escolher o padroeiro da aldeia, tinha o Cacique, o vice-cacique, as lideranças, a equipe deles. Aí lá perguntaram. Aí tinha que ter o padroeiro. Aí diz que falaram, mas para ter um padroeiro aqui dentro tem que ter também um reisado e aí falaram para jogar isso para mim, eu que nem sabia o que era. Aí eu fui atrás de cumade Tico. Tico tá em Belo Horizonte, mãe de Duchinha. Aí ela achou um catecismo e copiou o Reis, nem tava o reisado todo; aí ela copiou as partes que ela achou no catecismo; aí a gente decorou; aí eu ia lá todo dia, e nós ficava lendo, eu que não sei ler, ela ia cantando e eu acompanhando ela; aí a gente saiu já quase em cima da festa de São Sebastião.

A ninguém tinha dinheiro para comprar os materiais, os vestuários. Aí nós primeiro saiu assim, com a cara e a coragem, sem roupa, só com a roupa de casa do nosso dia a dia. Mas aí, no primeiro ano, tinha os instrumentos, tinha uns bumba lá porque o povo sempre brincava de samba de couro. Era umas rodas que fazia na casa de minha madrinha, Dona Minervina, mãe de Galdino.

Eu me lembro dos primeiros tocador, Gaiteiro era cumpadi Vêi e Sivaldo que já morreu os dois, um fazia primeiro gaiteiro e o outro fazia segundo, aí quando eles morreu, aí veio eu fui atrás de Palmeirinha, eu andei sete anos com esse terno, larguei por problemas de saúde. Os das caixas é Cosme que tá em Belo Horizonte e cumpade Luiz, porque não tem só uma caixa, tem mais duas, tem uma média e outra mais pequena, Cosme com a grande, Luiz com a média e Seu Nascimento com a pequena. Dos meus reisado já morreu, Palmeirinha e Sil, os dois irmão e meus primos, todos dois já foi. Aí tinha, cumade Judite, foi das primeiras mais eu, Sidneia, Eu, cumade Tico, nós que tava no Reis, Laurinha, minha cumade Rozinha, Silvana, Seu Ulisses que já morreu, pai de Vardo.

Era o povo de Galdino que tinha os instrumentos, a gente fazia oração, a gente rezava nas casas, e saía logo no começo do mês para não sair correndo porque era muita casa ali pra gente passar, no dia 05 por aí. Aí com um ano, a gente já juntava os troquinhos do dizimo, a gente comprou o material para gente fazer as coroas, comprar fitas, comprar papel, cola, areia prateada, ficou tudo muito bonito.

Avê Maria, tinha gente, gente, gente. Aí cumpade Gerson com o coração grande dele, disse umbora lá em Eunápolis conversar com Viane, ele tem que dá esses vestuários. No primeiro ano que acertou para ser o São Sebastião, Seu Dero morreu in antes de sair o Reis.

Teve um terno que eu tive que fazer cirurgia, e esse tempo quem saiu foi Nete, Mais Zé da Gata, aí no outro ano eu eu sai de novo.

Aí era assim, eu ia da conta do que já tinha arrecada, quanto tinha em caixa, o dinheiro já ficava ali mesmo para fazer a brincadeira do dia 20; aí cumpade Gerson já comprava, arranjava o dinheiro com a Funai, comprava duas, ou vaca ou garrote, um era para dividir para os fulião, né? E o outro pra fazer churrasco, aí a gente ganhava tanta galinha, tanto



peru.

Se acabar esse reisado, vai ser pesado, né? Não é de agora, foi as lideranças antigas, que nem agora tá mais entre nós. O reisado aqui foi criado quando nós morava em caramuru, depois da retomada. (Dona Inês, 2023)

### **Samba de Couro**

A Maré encheu  
Encheu, levou  
O cabelo da morena, o riacho carregou  
Carregou, eu vou buscar  
Eu não vou criar cabelo pro riacho carregar.

Em seguida, temos a entrevista com Dona Maura, que conta em detalhes todos os bastidores e como essa tarefa foi designada a Dona Inês na época:

Repara, quando foi com um ano que o São Sebastião tava com nois, aí Inês fala: “O que que nós faz para fazer uma inauguração bonita? Aí eu digo: “Nois tem que astuciar, tem que ter o Toré e mais outra coisa, então vamos pensar, vamos pensar, vamos pensar”. Aí eu viajei passando uns três ou quatro dias pra o São Sebastião, aí eu falei: “Oh, Inês, eu viajar para o encontro das mulheres lá em Salvador que eu fui convidada e eu já dei meu sim, e eu não posso faltar, vai eu e Margarida, como você já sabe, vai ter o Toré, eu entrego o Toré para Luizão mais os meus meninos e você mais os outros procura um jeito de inventar um festa para o São Sebastião”. Aí ficaram elas lá sentadas, punharam o catecismo, e ela e uma menina chamada Tico, era uma menina casada com um índio, ela foi embora daqui da nossa aldeia, então, sentaram e foram buscar: “É bom é um Reis” porque tem uma parte dos Sapuyá que já participou do Reis e gosta, né? E eles Gostam do Reis, tinha o povo do véi Jó, tinha o povo de dona Judite, aí, “Vamos fazer um Reis? Vamos”. Aí diz que astuciou esse reis. Então, astuciam esse Reis, mais os cânticos do Reis não era esse, não. Quando a gente cantava o reis o povo chorava, até o padre um dia chorou lá. Não esses cânticos que eles astuciam agora não. Aí inventaram esse reis, eu tava lá e Conceição mandou fotos pra mim, disse: “Maura, tá a coisa mais linda no caramuru”. Elas saíram com o Reis, não era vermelho, não. Elas inventaram, pegaram umas caixa de papelão; faziam a coras e forraram de papel brilhante e as fitas; aí eu fique alegre: “Oh, graças a Deus a festa que elas inventaram bonita”. Aí quando eu cheguei, já tinha visto as fotos, Inês: “Olha, minha amiga, não sei se você vai gostar, mais fizemos um Reis”. Eu digo: “Eu já tô gostando. De lá eu vi as fotos; o menino gravou”. Menina, eu acho que isso foi em 92 ou foi em 90. O primeiro São Sebastião foi em 91, foi, foi nessa base. Aí, quando foi no outro ano eu digo: “Eu não vou viajar, não”. Aí conversei com Marlene e marcou o encontro que a gente ia todo ano para depois do São Sebastião.

Aí eu entrei no Reis, era tão bom, menina! A gente acordava, o Reis era essa semana. A gente ia pra a igreja fazer essas coroa; todo ano nois fazia coroa; costurava aqueles papelão e passava cola e pregava aquele enfeites de jeito que queria, vinhozinho, contando causo, sorrindo... Quando era no outro dia a gente acordava era cinco horas da

manhã para dá a alvorada, eu que inventei isso, porque eu via lá em Itajú como era a alvorada no dia da festa, né? Aí, a gente comprava os fogos aí ia. Davi soltava cinco horas da manhã; acordava o povo já com os fogos, outra hora era Caçula, Caçula não, era o irmão de Caçula, Rosalvio. Caçula não tava na época não.

Do primeiro reisado alguns nome eu lembro, o primeiro foi, Inês, Tico, Seu Nelson, Seu Moreno, Neguinho ele foi embora daí, Vardo Kamakã. Aí das mulheres saiu eu, Judite, Laurinha, Zinha, Si e aí foi entrando as meninas, né? Aí entrou, Sidineia, Vilma, entrou Paulinha, dos homens tem Cosme, Rosalvio, Luizão meu filho, Nascimento, Seu Vói, Dr. Bao, Bastina, e tinha os homens do tambor.

O primeiro Reis a gente cantava assim:

Deu te salve casa santa, Deus te salve casa santa, Onde Deus fez a morada, Onde Deus fez a morada, Tá saindo três Reis magos  
A partir do Oriente, a partir do Oriente O galo está no céu, o galo está no céu  
Foi o pássaro escolhido, foi o pássaro escolhido Foi ele quem deu a boa, foi ele quem deu a boa nova  
Que Jesus era nascido, que Jesus era nascido.

Neste momento Dona Maura com a voz emocionada, continua:

Eu alembro tanto coisa... quando a gente saia nesse Reis era tão bom... é um filme. Os companheiros dos Reis já morreu quase tudo. Só tem eu, Inês, Judite, Laurinha... e tinha mais gente. Depois cada ano ia multiplicando. Era cada um cântico bonito que eles inventava, esse Nascimento mesmo, eh homem que era duro no samba!

Era misturado, jovem com os mais velho. Rapaz novo, Luizão, saiu desde o começo. Das gaita era naquele tempo era Seu Vói e Sivaldo. As caminhadas era ali dentro da aldeia mesmo; não era essa esse bucado de terra ainda, aí povo já sabia "o Reis vai sair amanhã cedo". Aí todo mundo já se preparava; aí quando era no dia primeiro que começava as sair o Reis, todo mundo já preparava as galinhas, a gente chegava numa casa daquelas, era um banquete, já tinha as casa certas, que era comida mesmo, bebida... Quando dava seis horas cada um ia para suas casas, né? Porque morava todo mundo por ali, né? Mas brincava até mais tarde. Tinha casa que dava muita bebida e muita comida e pedia para cantar mais um samba e a gente ficava mais até umas oito horas, sete. Quando a gente saia nas casas cada uma casa que a gente passava, cada um dava dois, três frangos.

Aí passado um ano ou foi dois, aí chegou um menino de Barra Velha, chamado Raimundo, que era neto de uma índia que tinha aí. Aí ele falou: "A gente, porque vocês não carrega o mastro de São Sebastião?" E nois não sabia o que que era: "É vocês ir na mata; tirar um pau e botar numa casa e no dia vocês busca e sai cantando com o andor e o pau bebendo". Aí nois fomos e Inês falou: "É mesmo, fica mais bonito e mais animado". Aí nois fez isso.

Aí, tirava o pau, de primeiro a gente botava na o pau na casa de Rosalvio, cá embaixo na entrada da aldeia, aí quando dava a tarde, numa base de uma hora discia todo mundo para ir buscar esse mastro de

São Sebastião, aí quando vinha de lá, discia pouca gente, mas quando vinha de lá, era gente! Aí, a gente enfeirava esse pau todinho, aí vinha trazendo aquela ruma de gente, cantando, batendo a gaita e lá vai, quando chegava no terreiro, já estava o buraco, aí suspendia o mastro com a cantiga e aí era fogos, muito alegria e era muito bonito. Agora a abertura a gente fazia o Toré, aí quando entrou Caçula mais Bastiana mudou, não deixava mais cantar o Toré, aí quando os meninos entrava com o Toré aí já vinha cantando o Reis, aí os índios foi desligando e não contou mais o Toré.

É que a gente abria com o Toré e depois o Reis cantava, era muito bonito, vinha gente de Itabuna, vinha gente de Lhéus, menina, até o Sem Terra da Terra Vista venha tudo de caminhão, era muita gente, Alda trazia padre, trazia seminarista, trazia cantora da igreja, trazia sambadeiro, era muito animado.

Aí inventou uma cabana fora da igreja para o povo ficar lá debaixo para almoçar e tudo. Aí nois matava um boi; aí a Funai ajudava. Aí quando no outro ano Gerson comprou as roupas do Reis, que saia como as roupas e as coroas. Aí quando Caçula entrou, tirou as coroas prá lá e colocou o chapéu com as fitas, aí foi mudando. As meninas que cantava o Reis mesmo foi saindo, as mulher véia foi encostando e hoje tá do jeito que tá! Aí, tinha muita gente, tinha Isabel que era um cantadeira de Reis que casou com um índio aí de Pau Brasil, cantava também; fazia um paracé, porque o Reis tem paracé e aí foi entrando mais gente. Tem um homem que a gente cantava as musicas e ele ficava rolando no pelo chão se coçando que a formiga pegou. Menina, era tanta coisa... depois acabou. A contradança era nove pessoas. Já tinha os pá de dança a contradança. É muito bonito. Eu brincava a contradança também. Seu Nelson, ele ensina e cantava cantiga de contradança. Aí era que dava vontade de brincar mesmo... e a gente caia dentro. E era assim.

Nois quando saia o Reis, tudo era combinado com Inês, o que a gente ganhasse a gente comprava o fumo. As mulher era o vinho; os homens era a cachaça e nós já tinha as coisas certa para não contrariar ninguém. Aí o povo tinha prazer, porque eles sabia que tinha aqueles dias ali brincando, mas também tinha a bebida, tem o fumo, tem a comida. Mas começou a cortar e muitos deles aí passa fome, chega num lugar não tem comida, ninguém mais dá comida que nem era, aí eles fica o dia todo no Sol quente ali, come um biscoitinho, um suco e vamos andar, canta ali, não ganha nada, nenhum café, outros fecha a porta na cara porque hoje tem mais crente e eles não recebe e aí foi perdendo.

Judite mais Zé Grande recebia esse Reis. E era comida, viu? Em caramuru ninguém passava fome, não. Lá em casa mesmo eu já deixava uns frango, que era para matar. Aí no dia que o Reis tava na área la de minha casa, aí eu não ia pro Reis. Eu ficava pra poder ajeitar as coisas e tinha vez de cair bem no dia do aniversário do Vêi Davi, dia 15 de janeiro. Aí pronto, era comida, era farofão de frango, era bebida (Dona Maura, 2023).

Dona Judite, filha de seu Desiderio complementa afirmando que o Reis não é somente uma atividade que acompanha do São Sebastião, mas que:

Dentro da casa da gente já fazia antigamente o samba, se tivesse reza, todo mundo ia fazer aquela oração e depois todo mundo ia sambar. Eu saí sete anos no Reis, só que depois não aguentei mais, inté morando

aqui eu fui uns tempo, depois não aguentei mais não, subir serra (Dona Judite, 2023).

Em entrevista, Dona Inês, Dona Maura e Dona Judite apresentam como tudo começou em relação ao Reisado, que agora é uma parte indispensável das ocasiões festivas na Terra Indígena, podemos então perceber com a riqueza de detalhes que cada uma delas nos conta como tudo aconteceu e até o momento em que cada uma delas fez parte do terno liderando os eventos.

Após diversas entrevistas e conversas informais com membros da comunidade, torna-se evidente a apreensão em relação ao futuro das atividades do Reisado:

Aí, né, nesse tempo dessa reza, que nois fazia essa promessa. Aí a noite esse bumbo comia a noite todinha, né? Era os homens brincando o samba e as mulher cantando roda. Então, amanhecia o dia, todos ele, né? Então, quando em 82, que criou esse grupo de gente aqui, nois comecemos a sambar aqui, fora desse tempo de São Sebastião, não era mais tempo de reza, né? Dava vontade de fazer um samba. Nois falava: “Vão bora?” Aí nois soltava o couro para dentro. Ah, então! Aí veio o Reis. Esse reisado foi assim: esse povo pediu a São Sebastião para ser o nosso padroeiro. Mas eu não tive chance, pelo um desejo que eu tenho, eu nunca acompanhei o reisado. Às vezes passava lá em casa. Toda vez que passava lá em casa, aí, eu não sei o que tenho, vem aquela emoção enorme e eu me derramo em pranto. Então, né? Aí, às vezes acompanhava, três, duas, brincava, brincava depois voltava para casa, né? E qual era o meu desejo? Isso foi já no tempo de Caçulo, né? Aliás, é um cara que anima bastante o samba e eu gosto muito, muito.

Oh, eu sou aposentado. Aí vários parceiros que acompanha o reisado que não tem recursos. Aí, para ser bom o reisado, aí são os quinze dias de caminhada, né? Você saindo de sua roça, quinze dias a planta que tem lá, perde, então, eu tenho salário, porque sou aposentado, se é determinado que nós vamos trabalhar aqui voluntário, seja em que, uma roça, um criatório de bode ou um criatório de quê, aí eu vou acompanhar o reisado. Tô acompanhando, mas tem um foco para garantir esse povo que tá na caminhada, né? E até hoje, nunca foi possível, né? A Funai, ela derramou aqui bênçãos, que era feira, dinheiro para o reisado, o gado para matarem, mas esqueceu de fazer isso, né? Mas o poder da Funai acabou, o reisado não saiu ano passado [2021], mode a pandemia, esse ano deu outro motivo que eu não quero entrar no assunto, deixa eles falar, se quer falar. Então, aí, são as coisas que a energia, quando você tá junto no nosso reisado, trabalha junto, você vai trazer condições para quem não tem, animando quem tá saindo que pode animar, porque fatalmente para o pai de família ter que sair quinze dias sem nada a pagar, não dá, né? Todo dia vinte eu to aqui, dando o que eu tenho para esse dia, gosto quando o bumbo da dentro do meu coração. Eu to feliz. Só to bem quando to lá dentro. Se me cansar, sacode, descanso, e aí é assim, todo ano. E então, é mais coisa Brisa, esse é um fundamento que seria base, né? Como Pataxó Hãhãhã , como base de etnia kamakã, baenã, kiririsapuyá, é tupinambá, é guerén... então é ver assim cinco etnias com mais gente de outras etnias aqui, pataxó, então, fatalmente, a luz de cinco povo não se padecerá (Aniraldo, 2023).

Durante a entrevista com Aniraldo, ele destaca algumas preocupações e razões subjacentes à diminuição de participantes no Terno de Reis, e inclusive sugerindo uma alternativa.

Durante todas as entrevistas fica clara a devoção e consolidação dos Festejos ao São Sebastião e o Reisado, a maneira como a memória coletiva se entrelaça com o calendário, remontando a eventos históricos e ressignificando-

os em celebrações anuais, é uma expressão visível desse diálogo entre história, memória e identidade, enraizada nas raízes culturais e transformada ao longo dos tempos.

A memória é uma preocupação central nas políticas culturais, abrangendo arte, línguas, costumes, lembranças históricas, conhecimento e práticas. Além disso, a memória também desempenha um papel identitário ao responder à pergunta "Quem somos?". A ambição de unir esses dois aspectos é desafiadora e muitas vezes difícil de concretizar. A função identitária predominante hoje é a afirmação da indianidade perante o Estado brasileiro. Isso é alcançado através de uma linguagem simplificada, contrastante, uma espécie de *pidgin* cultural, que utiliza fragmentos culturais, conforme a expressão de Marta Azevedo. Assim, ocorre uma adaptação da identidade para fins externos, apesar de também ser possível ser índio de outras formas (J. Otero) (Cunha, 2020).

A rica diversidade cultural do Brasil é refletida em uma tapeçaria de tradições e rituais que remontam a séculos de história. Três manifestações culturais distintas— rituais indígenas, festas em homenagem a São Sebastião e O Reisado — unem-se para formar um mosaico de patrimônio cultural que reflete a identidade e as crenças da comunidade indígena Pataxó Hãhãhã.

Na Imagem, Rosalvo. Ele fez parte do primeiro Terno de Reis, ainda sem o

vestuário vermelho, apenas com as coroas.



Fonte: Dona Maura, s.d.

Na Imagem, o Terno de Reis no segundo ano, já com o vestuário vermelho.



Fonte: Dona Maura, s.d.

A missão do não-índio, organizada pelo CIMI e o Reisado



Fonte: Brisa Pires, 2022.

Início das orações do Reisado na casa de seu Caçula.



Fonte: Brisa Pires, 2023. Orações e Reisado na casa de Edinho.



Fonte: Brisa Pires, 2023.

### **As Urnas Funerárias “Os Potes De Barro”**

Assim como as Narrativas de apropriação e memórias ligadas aos rituais e aos Festejos a São Sebastião, as urnas funerárias se destacam como marcos relevantes na disputa pela posse das terras e patrimônio para o povo Pataxó Hãhãhã.



Relatórios e pesquisas sobre a região demonstram a presença significativa de sítios arqueológicos em grande parte do território indígena. Esta pesquisa, no entanto, foca exclusivamente no sítio escavado em 2011 por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade do Recôncavo da Bahia (UFRB). As urnas funerárias encontradas revelam elos essenciais entre o patrimônio material e a identidade social do grupo, contribuindo para a construção da memória e da conexão com o que membros da TI acreditam ter seus antepassados. Segundo Etchevarne (2012, p. 52), “os membros das quatro etnias residentes na área (kariri sapuiá, pataxó hãhãhãe, kamakã, tupinambá e baenã) veem o material escavado na Água Vermelha como um subsídio adicional para reivindicar parte da reserva indígena.

Conforme Carvalho (2012), em fevereiro de 2011, foram localizadas seis urnas funerárias na região, e em março do mesmo ano, ocorreram as escavações que resultaram na remoção de mais três urnas. Essas urnas foram alocadas no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A análise permitiu classificá-las arqueologicamente como pertencentes à Tradição Aratu, recorrente na Bahia e em partes da região Nordeste e do Planalto Central do Brasil. As urnas apresentam a característica de "uma forma semelhante a um jambo invertido, com uma tampa cônica em forma de sino, usada para sepultar adultos, jovens e crianças, sem distinção de sexo ou idade, variando apenas em tamanho de acordo com a idade da pessoa sepultada” (Carvalho 2012, p.18). A menor das três urnas contendo restos ósseos de uma criança, não apresenta o formato característico de urna funerária. Nesse caso, é provável que um recipiente comum tenha sido adaptado, visto que exhibe marcas de remoção de fragmentos da abertura para acomodar o corpo da criança.

Por meio da análise de radiocarbono de uma amostra dos restos ósseos encontrados em uma das urnas, foi possível estimar a data aproximada do sepultamento. A datação realizada pelo laboratório Beta Analytic, nos Estados Unidos da América, aponta para cerca de 660 anos, indicando que uma pessoa faleceu no século XIV (Etchevarne, 2012, p. 5 *apud* Souza, 2019).

Be ta	Due	Techniq ue	Submitter Number
29 68 67	Monday, May 09, 2011	standard AMS	aguavermelha

## **CALIBRATION OF RADIOCARBON AGE TO CALENDAR YEARS**

(Variables : C13/C12=-16.8 ‰la b. mult=1)

**Laboratory number: Beta-296867**

**Conventional radiocarbon age: 660±30 BP**

**2 Sigma calibrated results:**

**(95% probability)**

**Cal AD 1280 to 1 320 (Cal BP 670 to 630) and**

**Cal AD 1350 to 1 390 (Cal BP 600 to 560)**

Intercept data

Intercept of radiocarbon age

(Etchevarne, 2011)

Destaca-se o uso da ciência para assegurar a posse contínua do território indígena, gerando uma complexa relação de valores individuais e coletivos em narrativas que interagem com o patrimônio material. Esse contexto gerou uma forte discussão pela posse da terra, causando comoção social entre as "famílias" do grupo, como observado nos relatos de Etcheverne e Fernandes em 2011. Antes da retirada das urnas, um grupo de índios, motivado por mulheres, realizou rezas, cantou e dançou em torno da primeira urna, enquanto jovens colaboraram com a equipe de pesquisadores nas escavações (Etcheverne *et al.*; Fernandes 2011, p. 2). A mesma situação foi corroborada por Pedreira, que descreveu como muitos indígenas, pintados de urucum e ornados com colares e saias de caroá, acompanharam a retirada das urnas, entoando canções de Toré.

Recorrendo aos princípios, também é válido referir-se ao dicionário de termos etimológicos para fortalecer a ação da comunidade em relação ao patrimônio arqueológico. De acordo com a etimologia, "patrimônio" deriva do latim "patrimonium", donde "patri" significa "pai" e "monium" significa "recebido". Assim, o termo está ligado a ideias de legado, herança, propriedade e transferência. Por sua vez, "arqueológico" é um adjetivo derivado de "arqueologia", que vem do grego "archaiología", donde "archaio" se refere a "antigo" ou "passado" e "logía" significa "ciência" ou "estudo" (Cunha, 1986 *apud* Costa, 2019). Portanto, temos um patrimônio "herdado" ou "legado" pelos proprietários que habitaram essas terras. Segundo as crenças do povo, isso foi indicado pelos encantados para reivindicar a posse dessas terras.

A partir desse ponto, os "novos" habitantes da terra assumem esse "presente" dos encantados como prova da existência de seus olhares na terra em disputa, associando-o às memórias. De acordo com Pollak (1992), a memória é um componente do sentimento de identidade, individual e coletivo, sendo crucial para a sensação de

continuidade e coesão. É também influenciada por eventos pessoais e coletivos. Essa interação entre vivências pessoais é compartilhadas e evidente em uma entrevista com Osmar Júlio da Silva (Mazão), conforme registrada durante uma pesquisa de campo:

Muitos grileiros diziam que isso aqui nunca foi terra de índio, né? E ai, nós prova que é terra de indígenas, nós achou as urnas funerárias e que nosso povos antigamente, nossos kamakã, quando falecia um adulto, se plantava no pote grande e um pequeno se plantava na panelinha pequena, menor, né? No pote menor. Então, isso pra gente, é uma coisa que nós verdadeiro, que nós mostremos que aquilo ali foi terra de indígena. E até outro pessoal da Bueno, trabalhando ali, rancou os potes ali, e a gente até hoje não sabemos onde é que está esses potes, é importante ter esses registros. (Osmar Júlio da – Aruanã ou Mazão, 2022)

Mazão nos informa que durante muitos anos, as pessoas das cidades circunvizinhas e principalmente os fazendeiros duvidaram da herança ancestral indígena que aquelas terras traziam consigo. E quando houve a descoberta destes potes essa realidade tomou novos rumos.

O patrimônio arqueológico (urnas funerárias) foi imediatamente recontextualizado e adotado como local de enterro para os "parentes". De acordo com os moradores locais, os encantados também auxiliaram na retomada da área em 2001. Pedreira também indica esse auxílio:

Durante uma noite tensa, a estrada se iluminou enquanto buscavam refúgio, ameaçados por pistoleiros. Mais tarde, eles ouviram cacos de pedra ou barro sendo lançados no telhado de suas casas. Eram sinais para localizar as urnas e outros vestígios menores, que colecionavam e guardavam (Pedreira, 2017, p. 135).

Após as escavações em 2011, a comunidade teve mais apoio para seus processos no STF, desta vez usando estudos antropológicos e as urnas funerárias como "prova" de que as terras sempre pertenceram aos povos indígenas. Isso é corroborado com a afirmação de Pollak (1992) de que a memória pública pode ter lugares de apoio, como monumentos aos mortos, que servem para lembrar períodos vividos pela pessoa ou pelo grupo.

Pesquisadores e relatos da comunidade indicam que a apropriação desse patrimônio ocorreu espontaneamente entre a maioria da comunidade, tornando-se um "tesouro" para representantes, líderes e todos na comunidade.

O cacique Gerson Pataxó, uma das principais figuras da comunidade, desempenhou um papel fundamental na negociação da inclusão dos achados arqueológicos no processo junto ao STF. Em declaração, o ministro Celso de Mello, membro mais antigo do STF, afirmou que as avaliações antropológicas, agrônômicas e topográficas indicam que a área em disputa tem sido de fato habitada pela etnia pataxó,

que mantém uma ligação especial com as terras da Reserva Indígena caramuru-Catarina Paraguassu. O ministro observou que a dispersão ocorrida em tempos passados na região não comprometeu a identidade indígena, uma vez que os pataxós se continuaram em sua maioria na região, mantendo uma consciência histórica de sua ligação com o seu território. Em relação às representações e à reconfiguração do patrimônio, Magnani (1986) explica que a representação é como uma imagem mental da realidade, formada a partir da experiência individual na realidade social em que a pessoa está inserida.

Em 2 de maio de 2012, após intensas batalhas e a perda de várias lideranças e membros indígenas, o STF anulou os 396 títulos legais concedidos pelo SPI a fazendeiros e arrendatários no final dos anos 1970. As ações de retomada, iniciadas em 1982, e o processo da Ação Civil Originária 312, teve um resultado favorável para a comunidade indígena. Essa decisão foi atribuída aos achados descobertos de 2011, interpretada como "prova" dos "encantados", que indicava que aquelas terras foram "reservadas" para eles. No mesmo local, pelo menos outras três urnas permaneceram. A família de Seu Ló, que vive nessa área afirma que eles evitam cultivar ou construir sobre as sepulturas e acreditam que aqueles são seus "parentes" e "antepassados", não apenas eles, mas de todo o povo Pataxó Hãhãhã.

Esse sentimento de pertencimento e reinterpretção dos achados é evidente em vários aspectos. Durante sua pesquisa, Pedreira questionou Seu Ló sobre as urnas ainda enterradas em suas terras. Ele respondeu que eles cuidam de seus "parentes", pois "eles estão convivendo conosco", e ele oferece orações a eles para resguardar das adversidades do mundo (Pedreira, 2017, p. 135). A remoção das urnas para estudos gerou controvérsias entre os indígenas, embora muitos acreditem que as urnas deveriam permanecer onde foram descobertas, pois "só andam quando estão vivos", eles concordaram em retirá-las devido à importância histórica, visibilidade e relevância para o processo que enfrentaram naquela época:

Por outro lado, esse recebimento parece ter sido dissipado com o resultado positivo da decisão sobre a posse indígena, como uma confirmação de que agiram corretamente e não desrespeitaram os mortos. Um dos líderes da comunidade, Caçula (Evangélista dos Santos), expressou com confiança a retirada das urnas: "Os fazendeiros diziam que aqui não era terra de índio, mas Deus mostrou que aqui é terra de índio, porque tem esses potes aqui, esse tesouro que é nosso e mostrar para o público o que nós sempre afirmamos, que nossos pais e avós contaram que aqui é terra de índio". O evento envolvendo as urnas funerárias, junto com as retomadas, marcou um dos últimos momentos na luta pela terra (Souza, 2019, p. 335, *apud* Pedreira, 2017, p. 137).

Nesse contexto, o objetivo agora é que "os potes e os parentes retornem para

casa", e para isso, certos líderes buscaram o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para financiar a construção de um memorial que os abrissem. No entanto, há uma indecisão sobre se as urnas deveriam ser enterradas no mesmo local de onde foram retiradas ou expostas no memorial (Souza, 2019, p. 334).

Em conversas formais e informais com membros da comunidade, percebi um desejo pelo retorno desses materiais para a aldeia, seja para seu local de origem ou para um museu, um memorial — um lugar onde esses "potes" possam representar a memória material dos tempos de luta. A cacica Ilsa, em uma entrevista, compartilha suas reflexões sobre as urnas funerárias:

Esses potes vieram na hora que nós mas estava necessitando né? Eu acredito que foi a onde veio o dom espiritual, para poder mostrar que ali tinham aquelas urnas funerária. É importante também para que elas possam vim, quem sabe a gente possa ter um museu, para fazer esse arquivo, para os próprios da comunidade também, eles tenham o conhecimento também, para quem ficar. Hoje eu to aqui falando com você, mas amanhã pode ser um neto, um filho, mas esses filhos também tem que ter esse conhecimento, tem que saber para da importância e será muito bom um dia a gente ter aqui de volta, todo mundo vai poder fazer estudos, indígena e não-indígena, é de muita importância dentro da ter elas dentro da nossa comunidade (Ilsa Rodrigues, 2022).

A cacica Ilsa reforça a relevância de que estes materiais arqueológicos retornem ao território e a importância de ser ter também um local para serem realocadas, assim como, um lugar de memória, não só para as urnas, mas também a memória da comunidade.

O relatório apresentado por Etchevarne na época da escavação também destacou a preocupação da equipe arqueológica em relação a esse aspecto. Dada a magnitude dessas descobertas, o sítio de Água Vermelha na Reserva Caramuru-Paraguassu não foi considerado apenas pelo volume de materiais potencialmente encontrados, nem pela integridade dos objetos, embora esses fatores justifiquem instruções sistemáticas de escavação para aprofundar o entendimento da Tradição Aratu na região. Nas entrevistas que se seguem, podemos notar como esses achados modificou o modo de vista de integrantes do povo Pataxó Hãhãhã.

Aí, quando nois veio praqui, era um sufoco danado, era pistoleiro que vinha hoje, vinha amanhã, aí a gente foi pra lá pra quela quebrada ali, diz que vai vim (os pistoleiros), assim, a que tava ali cruzou um carro lá embaixo e veio lá pra cá e aí e agora? Que nois não conhecia nada e de noite, aí daqui assim teve uma luzona que alumiu pra lá que foi que cumpade Gerson falou: "Bora subir aqui". Nois pulou tudo lá de cima do barranco lá. A luz pagou. Nois ficou, ficou... não veio ninguém. Aí que Saúva falou: "Isso aí foi uma luz que veio nos alumiar pra nois sair da estrada; pra nois ver pra onde nois ia". Aí cumpade Gerson falou: "É mesmo!" E Caçula também tava: "Foi mesmo isso, pé um sinal!". E aí depois foi que nois descobriu, onde nois tava. Onde nossos antepassados está enterrado

muitos deles aí. Aí é por isso que eu falo. Eu acredito sim. E eu só acredito nisso aí. Acredito em Deus e neles. E antes o povo falava que nois não era índio, e que nunca existiu índio. Aí quando descobriu aqui aquela vez foi que mandou lá, e aí, lá eles reconheceram que a terra era indígena mesmo.

Quando comprou esse trator aí, nois tava arando aí pra fazer roça, plantar feijão, milho, abroba, mandioca... aí é que o trator passou. Aí viu o pote quebrado. Quando olhou dentro tinha um bucado de ossada. Quebrou a tampa assim... as tempas são feitas parecendo o casco de um tatu. O que nois achou muito aqui foi cachimbo, mas pedinha assim, tipo como era pra cortar. Maria do Rosário levou um bucado de coisa e um senhor de idade( Etchevarne). Se saiu daqui, tem que vir prá cá. Em antes do cumpade Gerson morrer, nois conversou isso aqui. Mesmo que nois faz um lugar pequeno, mas tem que trazer e colocar em cima do lugar que tirou. Mas depois cumpade Gerson morreu. Os potes a gente encontrou foi cinco, tem panelas.

Quando nois chegou praqui, eu tava secando o cacau, de tardinha, escurecendo, aí no secador. Aí a turma toda tava pra lá e eu ali dentro. Quando eu suspendi a cabeça tinha uma carona de tamanho de um boca dessas me espiando pelo buraco. Naquele comungo, eu pensei: "Esse camarada é muito grande". Aí quando eu olhei, tirou o rosto, pra mim tinha saído pra lá. Eu sai correndo pra ver o que era, não era na hora, aí eu disse: "Eu sei o que era; é o nosso povo que vive aqui no meio de nois; os donos dos potes que tá observando". Aí depois disso aí, oh, de vez em quando jogava pedra nas portas. Mas eu já sabia o que que era. Até hoje acontece. Mas eu não tenho medo, não (Seu Ló, 2023).

Daí para cá foi revolução, porque o povo lá dizia que aqui nunca foi terra indígena. Foi uma grande fortaleza esses potes que foi arranjado aqui. É tanto que tirou os dois. Aí fez documentos lá em Brasília. Aí diz que esses potes era pra vir para vez de volta, né? Era pra arranjá um lugar para botar, e até hoje... Aí uma vez cumpade Gerson teve aqui e disse: "Oh, cumade, no entendimento da senhora esse potes quando vim, como é que a senhora pensa?" Aí eu falei assim: "Vocês tem que

fazer tipo um igrejinha, aqui onde foi tirado eles. Ali, faz uma coisa bem feita, planta um pé de arvore, cerca". Aí ele "é mesmo, cumade!" Aliás, foi três potes que levaram, que teve o de lá de baixo. Tinha gente que pensa assim: que foi uma índia que morreu de parto, porque na hora que tava tirando, na hora da escavação o grande, em antes de acabar, tinha um potinho pegado, era outro potinho e tinha quebrado a tampa de cima, né? Todos tinha restos, ossadas, né? (Dona Inês, 2023).

Olha, esses potes deu muita luz pra gente; deu muita força. Principalmente que muitos brancos achava que a gente não era mais índio; que a gente não tinha mais nada. Então, esse potes tá aí há não sei quantos anos enterrados. Teve que descobrir eles para mostrar. Isso aí foi uma amostra muito forte dos Encantados para ele ver. Só que a gente não era pra ter tirar de dentro da nossa aldeia.

Eu e minha fé e minha força não queria que tirasse. Mas como eles queria levar para fazer pesquisa, fazer os estudos, as lideranças deixou tirar.

Mais isso aí foi importante para esse povo acreditar porque eles vive muitos anos; sabe que a história da gente foi essa. Eles invadiram nossa terra e nois é os verdadeiros donos. Então, isso aí foi muito bom, porque mostrou para eles que existe e não é de agora, né? Existe!

E a tribo, eles enterravam mesmo dentro de potes, preparavam seu cadáver dentro do pote. Porque índio adonde ele ficava, quando eles via que tava sendo perseguido, eles largava tudo; ficava ali enterrado — o que estava debaixo da terra ninguém ia ver. Mas como os homens hoje trabalha com maquinas, futuca a terra, e aí descobre, mas na cabeça do índio, aquele ali, tava guardado.

Eles hoje enterra um cadáver e como poucos tempo tira, queima, acaba e nois tem esse cuidado. Os pataxó, mesmo os baenã, eles não enterrava num pote, mas donde enterrava, eles cobriam de pedra, botava, plantava um arvore e deixa ali, ninguém nunca vai saber que ali tenha um corpo, ali debaixo, que as pedras elas fica para sempre. Então, nosso povo tinha isso: enterrava um, eles cuidava logo de catar pedra para botar em cima. Então era uma coisa sagrada, porque

para nós, morreu, não acabou. Tá ali A gente tem essa visão assim, tem que zelar. Eu mesma aprendi muito; tenho muito respeito. Os mais velhos não deixa a gente satar cova, não deixava passar por cima. E os brancos não tem isso, né? (Dona Maura, 2023).

No entanto, a verdadeira importância reside no significado simbólico de que ele representa para os grupos indígenas presentes na Reserva, que percebem nas urnas uma continuidade simbólica no processo de ocupação dessas terras. Algo que fica claro durante as entrevistas. Seu Ló e dona Maura, tem pontos de vistas diferentes em relação a volta do material arqueológico para a aldeia, no entanto, ambos entendem a importância desta volta. Os dois contam suas memórias em relação as retomadas e como foram os acontecimentos após as escavações.

Devido a essa importância, o Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica, operando sob o Laboratório de Arqueologia da FFCH/UFBA, tinha a intenção de criar um projeto de escavação que permitisse que os membros das diferentes comunidades étnicas da Reserva participassem de todas as etapas e tomassem decisões sobre o destino dos artefatos encontrados. A devolução das urnas e fragmentos cerâmicos para a Reserva Caramuru-Paraguassu foi uma prioridade imediata. Para isso, seria necessário preparar um espaço adequado e equipamentos expositivos em forma de um Memorial Indígena (Etchevarne, 2012).

Em 2016, uma equipe de arqueologia da UFBA entregou à comunidade do TI Caramuru um projeto para a construção de um memorial dentro do território indígena. Entretanto, a concretização desse projeto ainda não foi possível devido a um fator crucial: a falta de recursos financeiros.

A presença de urnas funerárias em várias regiões do Brasil demonstra uma prática cultural ancestral, amplamente difundida entre as sociedades indígenas pré-coloniais. Essas urnas eram utilizadas para sepultamentos e enterramentos rituais, e sua distribuição geográfica apontava para a presença de tradições culturais e cerimoniais compartilhadas por diferentes grupos indígenas.

A compreensão das urnas funerárias como patrimônio material está associada a diversos fatores, as urnas funerárias representam uma parte significativa da história e das práticas culturais dos povos indígenas. Elas testemunham as tradições de sepultamento, crenças espirituais, a preservação e transmissão da identidade cultural.

A análise das urnas funerárias e dos sítios arqueológicos em que são encontrados fornecem percepções sobre os modos de vida, estruturas sociais, tecnologias e aspectos psicológicos das sociedades antigas. Elas oferecem pistas sobre como essas

comunidades se relacionavam com o ambiente, com outras sociedades e como suas práticas funerárias eram conduzidas.

O estudo das urnas funerárias contribui para a expansão do conhecimento científico e histórico sobre os povos indígenas pré-coloniais. Através de análises de restos humanos, objetos acompanhantes e materiais de sepultamento, os arqueólogos podem entender melhor a dieta, a saúde, as tecnologias de produção e as migrações desses indivíduos.

A compreensão das urnas como patrimônio material também está ligada à ressignificação desses artefatos pelos povos indígenas contemporâneos. Muitas comunidades veem nas urnas um elo com seus antepassados, permitindo-lhes reafirmar suas identidades e lutar por seus direitos territoriais, como no caso da terra indígena caramuru.

A preservação das urnas e outros artefatos contribui para a educação e conscientização das gerações presentes e futuras. Eles fornecem evidências tangíveis das culturas que existiam antes da colonização europeia, desafiando

estereótipos e promovendo uma compreensão mais completa da diversidade cultural do Brasil.

Portanto, as urnas funerárias não são apenas objetos antigos, mas testemunhos vivos de culturas que moldaram as sociedades indígenas. Sua consideração como patrimônio material envolve a interseção entre história, identidade, conhecimento científico e a importância de preservação e respeito às tradições e legados dos povos indígenas do Brasil.



### Ritual durante a retirada das urnas funerárias



Fonte: Luydy Fernandes, 2011.

### Momento das Escavações das urnas funerárias



Fonte: Fernandes, 2011.

## Escavações das urnas funerárias



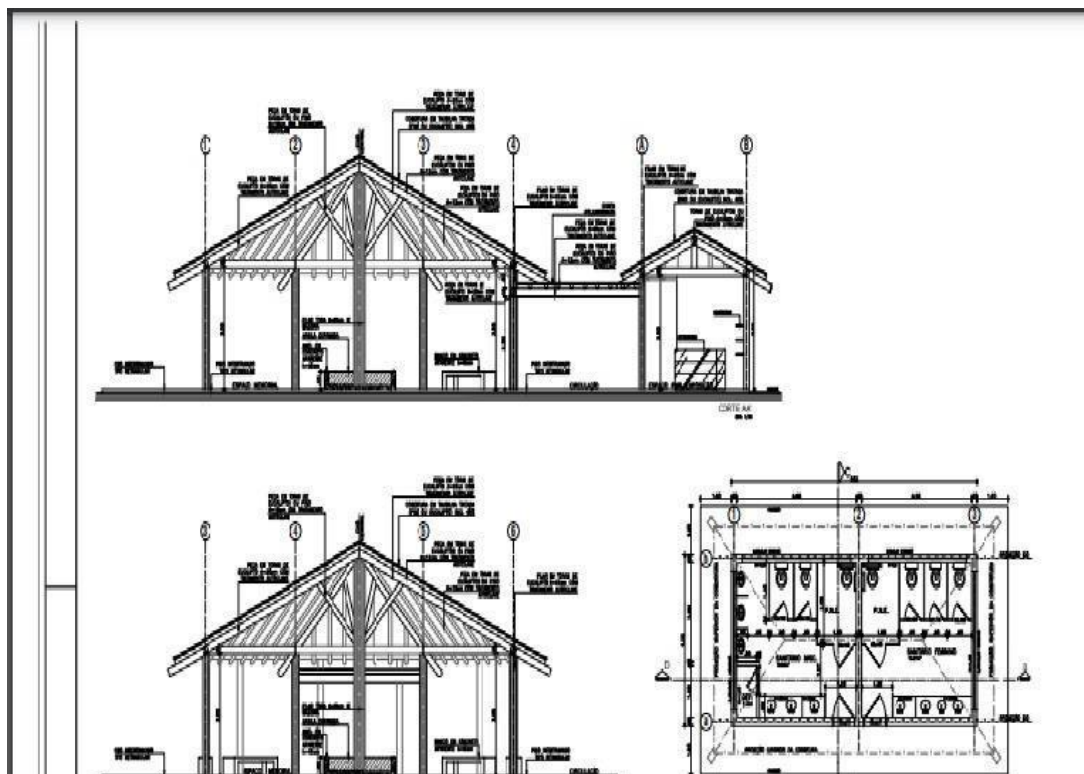
Fotos: Fernandes, 2011.

## Momento dos rituais durante as escavações das urnas funerárias.



Fotos: Fernandes, 2011.

Planta 05 do memorial.



Fonte: Equipe de arqueologia da UFBA, 2016.

Seu Lô e os vestidos arqueológicos que são encontrados na Água Vermelha. Ele nos



apresenta este materiais como muito orgulho e diz que são objetos ou o que restou dos seus antepassados, tidos como parentes.

Fonte: Brisa Pires, 2023.

Imagens de materiais arqueológicos que ainda são encontrados na localidade da Água Vermelha. Fiz o uso de uma caneta como recurso que tinha em mãos naquele momento para que os caros leitores pudesse ter a dimensão do tamanho de cada material.



Fonte: Brisa Pires, 2023.

## Considerações Finais

Esta dissertação é fundamentada em autores que abordam o patrimônio em suas diversas perspectivas, considerando-o como um suporte que está intrinsecamente ligado à construção das identidades e às suas relações com as memórias. Além disso, esta pesquisa explora como as identidades são constantemente construídas e reconstruídas no cotidiano, e como disciplinas como Arqueologia, História, Museologia, Antropologia e Ciências Sociais colaboram para a compreensão das características relacionadas aos povos indígenas, em especial os grupos presentes na Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu.

Cabe ressaltar que essa abordagem do patrimônio está alinhada com o conceito previsto pelo Decreto n.º 3.551/2000. No entanto, para além das definições formais desse decreto, esta pesquisa considera o patrimônio como uma interação com as memórias e identidades. Para atingir esse objetivo, utilizamos os repertórios conceituais das disciplinas mencionadas — Arqueologia, História, Ferramentas, Museologia, Antropologia e Ciências Sociais — como para compreender as diversas especificidades presentes no espaço investigado.

A questão central desta pesquisa girou em torno do papel da memória e das práticas religiosas como elementos patrimoniais para o povo Pataxó Hãhãhã na Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassú. O objetivo foi compreender como esses elementos estão relacionados à compreensão do patrimônio e como são importantes para a construção de indivíduos e coletivos. Para alcançar essa compreensão, a pesquisa aborda as formas de narrativas que sustentam o patrimônio, as tradições culturais da comunidade e os achados que foram ressignificados na localidade de Água Vermelha.

Além disso, a pesquisa analisou como esse contexto está relacionado à situação atual das comunidades, especialmente em termos de definição de limites territoriais. O entendimento do que é considerado patrimônio ganha novos significados para aqueles que vivem no espaço de investigação. Diante disso, a relevância do tema se destaca, tornando-se necessário abordar ações como as discutidas neste estudo. A pesquisa trouxe uma abordagem inovadora ao compreender outros usos do patrimônio e como isso pode contribuir para futuras pesquisas relacionadas à continuação patrimonial no país.

Importante ressaltar o artigo 231 da Constituição Brasileira, que confirma aos povos indígenas sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, além

dos direitos originários sobre as terras que tradições tradicionalmente ocupam. Isto garante o reconhecimento aos povos tradicionais o direito à diferença e à preservação das suas identidades culturais.

O patrimônio cultural é um testemunho vivo da riqueza e diversidade das tradições humanas, manifestando-se em diferentes formas, desde os rituais indígenas até os festejos religiosos e folclóricos, como os dedicados a São Sebastião e o Reisado. Essas expressões, embora distintas, preservam a capacidade de preservar e transmitir valores, crenças e identidades ao longo das gerações.

Os rituais indígenas, como o Toré, constituem um elo profundo com a ancestralidade e a espiritualidade. Eles encapsulam a conexão das comunidades indígenas com a terra, a natureza e os indígenas. Esses rituais, transmitidos oralmente por gerações, resistiram à colonização e à modernização, permanecendo como testemunhas vivas da herança cultural indígena. Ao preservar suas tradições, as comunidades indígenas também protegem uma parte essencial da história do Brasil.

Os festejos a São Sebastião, padroeiro de diversas cidades brasileiras, têm raízes na tradição católica trazida pelos colonizadores. No entanto, ao longo do tempo, esses festejos foram enriquecidos por elementos culturais locais, incorporando danças, músicas e culinárias próprias de cada região. Isso evidencia a capacidade de adaptação das tradições religiosas às nuances culturais locais, gerando celebrações únicas que enriquecem o patrimônio coletivo do país.

Por fim, o Reisado, um conjunto de manifestações folclóricas, mistura elementos religiosos, teatrais e musicais. Essa tradição, que ocorre durante o período de Natal e Epifania, demonstra uma complexa combinação de influências indígenas, africanas e europeias. Através das danças, cantos e dramatizações, o Reisado apresenta histórias que evocam símbolos religiosos e culturais, ao mesmo tempo em que refletem a fusão de identidades e tradições.

Em conjunto, essas três manifestações culturais — rituais indígenas, festejos a São Sebastião e o Reisado — representam a riqueza e a resiliência do patrimônio cultural brasileiro. Elas ilustram como as tradições são moldadas e enriquecidas pela interação entre diferentes grupos étnicos, crenças religiosas e contextos históricos. Ao defender e proteger essas expressões culturais, o Brasil não apenas preserva seu passado, mas também constrói pontes para o entendimento intercultural e para a construção de um futuro diversificado e vibrante.

A relevância dos achados arqueológicos, as urna funerárias, com elemento

constituinte do discurso de apropriação de suas terras que até o momento das descobertas ainda estavam em constante disputa entre junto aos fazendeiros da região. Trazendo a tona a herança deixado por antepassados ditos indígenas que viveram naquelas terras. Pude perceber a relevância destes achados em cada depoimento e conversas não oficiais com cada indivíduo desta comunidade.

Durante as entrevistas, pude observar que mesmo aqueles que não participavam dos grandes rituais junto às outras etnias, realizavam seus próprios rituais e rezas em seus quintais, muitas vezes com a participação de seus filhos. Alguns relataram que seus familiares acendiam fogueiras dentro de suas próprias casas, e mesmo após serem expulsos das terras de reservadas, continuaram a realizar seus rituais usando plantas, folhas e raízes das matas.

Alguns indivíduos conduziam esses rituais, recebendo os Encantados tanto nas matas quanto dentro de suas próprias casas. Eles transmitiam esses conhecimentos a seus filhos e netos, destacando a importância de manter e continuar a tradição ritualística. Ao longo das gerações, os rituais foram transmitidos, confiantes para o fortalecimento da identidade e da cultura do povo indígena nos territórios que habitavam.

Atualmente, ainda ocorrem diversos rituais em âmbito doméstico. Um exemplo é a família Titiáh, que se reúne todas as quintas-feiras para conduzir seus rituais. Isso inclui a preparação de banhos e remédios à base de ervas e raízes para toda a família, além de práticas de defumação e ritual do rapé. Dona Maura compartilha que mesmo durante sua infância, quando os rituais eram proibidos pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), seus pais os realizavam secretamente em casa. Na época, as crianças ainda não compreendiam completamente o significado, mas reconheciam a importância dessas práticas.

Nesse sentido, fica evidente que os rituais indígenas não apenas persistiram, mas também se transformaram ao longo do tempo, refletindo uma profunda conexão com a identidade cultural, a história oral transmitida de geração em geração e a memória das lutas e conquistas do povo indígena.

Para o povo Pataxó Hãhãhã, o maior tesouro reside em suas memórias e conexões vivas. Eles acreditam que enquanto um indivíduo permanecer na memória coletiva, por meio de diálogos, fotografias e vídeos, ele estará sempre vivo. Durante o período de observação, pude compreender as concepções de patrimônio e os elementos que constituem esse patrimônio para o povo Pataxó Hãhãhã, em toda a sua diversidade. Além disso, busca-se refletir sobre como as diferentes narrativas de memórias desses

indivíduos são utilizadas como elementos de legitimação na posse do território e nos discursos de luta por meio do entendimento do patrimônio material e imaterial.

Por tanto, quando se falado em patrimônio material, para além de todos os instrumentos e objetos utilizados nos rituais e festejos religiosos, temos também as urnas funerárias, que são objetos arqueológicos encontrados em diversas regiões do Brasil, inclusive no território indígena caramuru Catarina Paraguassú. Esses recipientes de cerâmica que eram usados para guardar os restos mortais de indivíduos ou grupos indígenas. Elas apresentam formas, tamanhos, cores e decorações variadas, que refletem as características culturais e artísticas de cada povo. As urnas funerárias são consideradas patrimônio cultural material, pois são evidências físicas da presença e da história dos povos indígenas no território brasileiro.

Em busca da retórica acerca do conceito de religião, falo sobre as buscas de caracterizar pelo menos uma tipicidade de religiosidade pautada na preocupação contínua da sustentabilidade da vida neste mundo. Independentemente da vertente religiosa, seja ela cristã, islã ou judaica, o elo entre elas é a ideia de salvação individual no além.

Neste caso, o papel dos rituais indígenas é a comunicação entre os seres que já atingiram uma certa evolução — os encantados — que voltam estendendo uma salvação àqueles que ainda se encontram por aqui. Sendo assim, abordo aqui a ritualística indígena de caráter individual ou coletivo, bem como os festejos do santo padroeiro, enquanto expressão da ação dos encantados. Ilustro este raciocínio com base em Parés “O ritual, por sua vez, é definido como meio estruturado e comportamental que viabiliza essa interação”. Este conceito de religião apresenta a vantagem intrínseca de ser formado por uma série de práticas, tais como a produção de amuletos, rituais de cura ou atividade de “feitiçaria” que desde o ponto da tradição antropológica é também ortodoxa das religiões (Parés, 2018 p. 104).

Essa dedicação à manutenção dos rituais, tanto no que tange o material e o imaterial, mesmo em face de restrições e desafios, ilustra a resiliência do povo indígena em dar continuidade a sua cultura e tradições. Esses rituais não apenas representam uma conexão espiritual com as raízes ancestrais, mas também demonstram a força da transmissão intergeracional de conhecimento e perseverança em manter viva a herança cultural.

De acordo com as entrevistas realizadas foi possível perceber também que a fé do povo Pataxó Hãhãhã está intrinsecamente ligada aos rituais e a religião católica. E



quando falo sobre rituais, não estou falando exatamente do ritual da lua e sim dos rituais sagrados que aconteciam e acontecem dentro das casas da maioria dos indivíduos que entrevistei e estes afirmam que independente de religião aos modos eurocentricos, estes rituais sempre aconteceram e foram sendo repetidos por todos uma geração até os dias atuais. Rituais estes que era para celebrar a natureza que já haviam na terra quando eles chegaram como no Tore entoado no início de cada festividade ou ritual, " na minha aldeia tem, beleza sem plantar".

Tendo assim, segundo Silva e Siqueira (2009), "a religiosidade como expressão ou prática do crente, diretamente relacionado a religião, o que possibilita experiências místicas, mágicas e esotéricas. Advindo do latim "*religio*" e "ligare" que significa ligar de novo, compreendendo que a busca por um Deus faz parte do ser humano". Podemos ver claramente que na maioria das entrevistas temos esta relação nos rituais e também nos festejos ao São Sebastião e o reisado, assim como, quando ocorreram as escavações e retirada das urnas funerárias. Compreendo então que essa pesquisa acontece em torno de um grande ritual, o ritual das várias e vasta memórias como um elo com os antepassados, sejam eles vindo de Pedra Branca, dos litorais ou dos sertões, estão vivos todas as vezes que são rememorados em cada ritual, cada casa ou indivíduos que os invocam.

## Referências

ABREU, Regina *et al.* **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. [S.l.]: DP & A, 2003.

ASSOCIAÇÃO DOS NOTÁRIOS E REGISTRADORES DO BRASIL (ANOREG-BR). STF Considera Nulos Títulos de Terra Localizados em Área Indígena no Sul da Bahia. Disponível em: <https://www.anoreg.org.br/site/stf-considera-nulos-titulos-de-terra-localizados-em-area-indigena-no-sul-da-bahia/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de (org.). **Informação, patrimônio e memória**: diálogos interdisciplinares. João Pessoa: EdUFPB, 2015. 176 p.

BOMFIM, Anari Braz. **Patxohã, língua de guerreiro**: um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó. Dissertação (Mestrado em ) – Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. [Salvador], 2017.

BRANDÃO, Théo. **O Reisado Alagoano**. Maceió: EdUFAL, 2007.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BRITO, Carolina Arouca Gomes de; LIMA, Nísia Trindade. Antropologia e medicina: assistência à saúde no Serviço de Proteção aos Índios (1942-1956). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, [S.l.], v. 8, p. 95-112, 2013.

CAMPOS, Silva. **Crônica da capitania de São Jorge dos Ilhéus**. Brasília: Conselho Federal de Cultura; Ministério da Educação e Cultura, 1981.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 219.

CARDOSO, Vinicius Miranda *et al.* **Emblema sagitado**: os jesuítas e o patrocínio de São Sebastião no Rio de Janeiro, sécs. XVI-XVII. 2010. 173 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências – História) Curso de Pós-Graduação em História Estado e Relações de Poder. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica (RJ), 2010.

CASTRO, Jairo Viana de; SANTOS, Joceneide Cunha dos. Folias de Reisados do Vale do Jequitinhonha em Itagimirim/Ba: Memórias, saberes e sociabilidades. **Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 1, n. 1, p. 186-205, 2020.

CARVALHO, Maria Rosário de; SOUZA, Ana Cláudia G. de; SOUZA, Jurema Machado de A; PEDREIRA, Hugo Prudente da Silva (orgs.). Mapeando Parentes: identidade, memória, território e parentesco na terra indígena caramuru-paraguassu. **Caderno UFBA**, [s.l.], p. 30, 2012.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica—antropologia e literatura no século XX**. [S.l.: s.n.], 2012.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Por políticas para a gestão e musealização do

patrimônio arqueológico: uma escala de sentidos. **Revista Habitus-Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 101-124, 2019.

COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. **Morada dos encantados: identidade e religiosidade entre os tupinambá da Serra do Padeiro-Buerarema, BA.** [S.l.: s.n.], 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Legislação Indigenista no Século XIX: uma compilação: 1808-1889.** São Paulo: EdUSP; Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1992.

CUNHA, Manuela Carneira; NIEMEYER, Pedro de. **Políticas culturais e povos indígenas.** EdUNESP, 2020.

DODEBEI, Vera. Tempos Memoriais e Patrimoniais: notas de pesquisa sobre memória e informação. **Informação, patrimônio e memória: diálogos interdisciplinares.** João Pessoa: EdUFPB, 2015. p. 44-64.

ETCHEVARNE, Carlos. O sítio de tradição Aratu de Água Vermelha, Reserva Indígena caramuru Paraguaçu, e suas implicações arqueológicas e etno-políticas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 53-57, 2012.

ETCHEVARNE, Carlos; FERNANDES, Luydy. **Informe acerca dos procedimentos adotados no Laboratório de Arqueologia da Fac. de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA**, 2011. (mimeo).

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio: discutindo alguns conceitos. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, [s.l.], v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). **Ka'a Rewarã. Pesquisadores Wajãpi.** Apina/Iepé: Macapá, 2011.

GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas. Exemplos no Amapá e Norte do Pará.** Iepé: Macapá, 2006.

GOMES, Nilvete Soares; FARINA, Marianne; FORNO, Cristiano Dal. Espiritualidade, religiosidade e religião: reflexão de conceitos em artigos psicológicos. **Revista de Psicologia da IMED**, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 107-112, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude; NAUMANN, Hans. **Antropologia Estrutural.** Francoforte A.M.: Suhrkamp, 1967.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. *In: A aventura antropológica: teoria e pesquisa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 127-140.

MAGNAVITA, Pasqualino Romano. O lugar da diferença. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, [S.l.], v. 6, n. 1, p., 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias.** São Paulo: Contexto, 2011.

NORA, Pierre. Entre a memória e história – a problemática dos lugares. **Projeto História**, [S.l.], v. 10, p. 07-10, 1993.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. [s.l.], EdUNICAMP, 2018.

PEDREIRA, Hugo Prudente da Silva. **Os pataxó Hã hã hãe e o problema da diferença**. Qualificação de Mestrado. Universidade de São Paulo. [São Paulo], 2015.

PEDREIRA, Hugo Prudente da Silva. **Os pataxó Hã hã hãe e o problema da diferença**. 2017. 178 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-06022017-110145/publico/2017\\_HugoPrudenteDaSilvaPedreira\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-06022017-110145/publico/2017_HugoPrudenteDaSilvaPedreira_VCorr.pdf). Acesso em: 22 ago. 2023.

PEREIRA, E. A. (ed.). **Encantarias: etnografias das religiões afro-brasileiras**. 2016.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, 2014.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTO, Helânia Thomazine. Linguagens e identidade cultural: uma abordagem etnográfica. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**, [s.l.], ano 2, v. 1, n. 2, p. 108-123, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/view/2919/1533>. Acesso em: 22 ago. 2023.

RIOS, Sebastião. Os cantos da festa do Reinado de N. S.<sup>ra</sup> do Rosário e da Folia de Reis. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 9, p. 65-79, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/215/185>. Acesso em:

SANTOS, João. Encantados Indígenas: a espiritualidade ancestral nas comunidades nativas. **Revista de Antropologia Indígena**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 45-60, 2021.

SOUZA, Jurema Machado de Andrade. **Os Pataxó Hãhãhã e as narrativas de luta por terra e parentes, no sul da Bahia**. 2019. 355 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Departamento de Antropologia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília. Brasília, 2019. Disponível em: [https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_5db628a469d45cadafe751923f25e2e1#details](https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNB_5db628a469d45cadafe751923f25e2e1#details). Acesso em:

SOUZA, Jurema Machado de Andrade. **Trajetórias Femininas Indígenas**. Salvador, 2007. 129 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007. Disponível em:

<http://pineb.ffch.ufba.br/downloads/1295372452Souza%20Jurema.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

SOUZA, Jurema. M. D. A. Parentesco e Organização Social na Reserva Caramuru-Paraguassu, sul da Bahia. *In:* (org.). REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28., São Paulo, 2012. **Anais...**

SOUZA, Manoel Nascimento de; BARBOSA, Erivaldo Moreira. Direitos indígenas fundamentais e sua tutela na ordem jurídica brasileira. **Âmbito Jurídico**, [S./], fev. 2011. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/direitos-indigenas-fundamentais-e-sua-tutela-na-ordem-juridica-brasileira/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

VERAS, Hermes de Sousa. O santo e o encantado: a procissão afro umbandista para São Sebastião em São João de Pirabas. **Revista de Antropologia**, [S./], v. 64, p., 2021.

WAGNER, Roy. **The Invention of Culture**. Chicago: University, 1.981.